

STENT

Uma linha do tempo

de José Rubens Siqueira

Esta peça foi escrita para meus amigos, atores de inegável talento e prolongada carreira,

WALTER BREDA – *O VIAJANTE*
 ZÉCARLOS MACHADO – *O PROFESSOR*
 SYLVIO ZILBER – *O ENGENHEIRO*

A cena é o palco do teatro.

Ao fundo, um telão que toma toda a largura do palco.

Três bancadas quase idênticas.

Junto à da esquerda, uma cadeira com um terno completo: colete, gravata, camiseta, camisa, meias, sapatos. Sobre a bancada, coberto com um lençol, o corpo do Viajante.

A bancada do Professor, ao centro, está repleta de grandes livros de artes plásticas, alguns abertos, outros fechados, com marcadores aparecendo entre as páginas, no chão, mais alguns, empilhados. Uma cadeira de escritório, com rodinhas. Ele não está em cena.

A bancada da direita, do Engenheiro, tem um armário na parte de baixo e em cima uma grande quantidade de panelas, pratos, copos, travessas, talheres, etc. Um banco alto. Ele também não está em cena.

Ao entrar, o público ouve um tique taque de relógio, quase imperceptível, como se houvesse um relógio de fato no ambiente e que permanecerá durante toda a peça.

Quase imperceptíveis, o Professor e o Engenheiro vão para suas bancadas.

Acende-se a projeção que continuará durante toda a peça, com uma sequência de obras de arte que traça uma linha do tempo das cavernas até nossos dias:

CRONOLOGIA DO OLHAR UMA LINHA DO TEMPO

O Viajante se descobre lentamente, senta-se ainda semi coberto pelo lençol. Começa a falar ainda sentado e ao longo das falas se levanta. Movimenta-se devagar, quase em câmera lenta. Está nu. Veste-se com grande lentidão e pausas de movimentos suspensos, distribuindo suas ações ao longo do texto todo, até estar completamente pronto.

Ao longo das falas, o Professor consulta livros e faz anotações num caderno grande.

Ao longo das falas, o Engenheiro enxuga a louça e guarda no armário.



PROFESSOR – Um filósofo chinês que mora em Paris diz que “o oposto do Mal não é o Bem. É a Beleza.” Nosso impulso de criar Arte, de criar Beleza, é pra combater o Mal. Sem beleza, sem Arte, o mundo fica mau.

ENGENHEIRO – Foi bom limpar o forminho elétrico. 250 graus. Autolimpeza, carboniza os restos de queijo da bandeja de cima, fácil tirar com bom bril. Descobri que a bandejinha de baixo também sai. Dá pra tirar o farelo de pão que acumula.

PROFESSOR – O maior elogio que eu já recebi foi de um aluno que me disse: “Não lembro nada que o senhor ensinou. Mas o senhor foi o melhor professor que eu tive na faculdade.”

ENGENHEIRO – Eles nem notaram.

PROFESSOR – Eu continuo insistindo em ensinar processos, não conteúdos. Não acredito em outro tipo de ensino.

VIAJANTE – Eu não fui um bom pai. No meu tempo, ter filho e ser pai eram coisas diferentes. Uma coisa não tinha muito a ver com a outra. Você casava, tinha filho e pronto. Era o natural. Meu pai era do século dezenove. Não sei se era bom pai. A gente não pensava nessas coisas. Pai era respeito, autoridade. Até em adulto, quando a gente chegava da rua ou saía de casa, beijava a mão, pedia bênção, ninguém fumava na frente dele, nem falava alto.



ENGENHEIRO – Cada copo em cima da pia quando eu levanto de manhã grita: (*arremeda*) “papai lava e guarda”.

PROFESSOR – É dever da minha geração fazer a ponte do passado com o presente. Lema pros alunos: “quem não sabe de onde vem, não sabe pra onde vai”.

VIAJANTE – Meu pai teve nove filhos. Eu fui o segundo, em 1922. Que eu me lembre, ele nunca me pegou no colo.

ENGENHEIRO – Não posso reclamar. O que resta pra dar sentido à vida de um homem de quase 80 anos? Fui eu que resolvi que seria bonito passar meus últimos anos com os filhos. Ninguém me pediu.

VIAJANTE – Eu tinha uns sete, oito anos, ele me levou no barbeiro. Até uns cinco, seis anos menino, cortava em casa, corte tigela. Quando caía o dente de leite, era hora de cortar no barbeiro.



PROFESSOR – O humano da caverna pintava os bichos que via, que caçava, era pra superar o tempo, pra registrar fora de si, independente da memória e da realidade. Pra criar outra realidade: a beleza. Na parede. Não no campo. Com barro



colorido, com carvão. Com pincel! Incrível: ampliando a imagem, descobriram traço de pincel. De onde que o humano da caverna tirou a ideia do pincel?! Criava do nada. Não tinha nada antes. Por impulso, por intuição.



VIAJANTE – Barbeiro era coisa de homem. A gente atravessando a praça, eu pensei: “agora ele vai segurar a minha mão, pra atravessar a rua pelo menos, aí eu não largo a mão dele, a gente atravessa a praça, encontra algum amigo meu, vai ver como meu pai gosta de mim”.



ENGENHEIRO – Se não fosse o stent eu já tinha encerrado a minha jornada, a minha função. Primeiro enfarte... Três stents. Segundo, mais um e dois preventivos. Não quero mais nenhum. O que vem depois do stent é brinde. É prêmio. Mas também tem seu preço quando se tem um mínimo de consciência de si. E dos outros.



VIAJANTE – É. Quem sabe a gente já pensava, sim, quando o pai era bom ou não.



ENGENHEIRO – Eu sou um homem racional. Mas estou aprendendo outro jeito. Intuitivo.



PROFESSOR – O impulso da arte, da beleza, gera tecnologia. Criaram coisa que a gente usa até hoje. O pincel: um pauzinho com pelo de bicho na ponta. A agulha: um osso, ou um espinho, uma ponta afiada, um buraco na outra ponta. Só muda o material. Não dá pra melhorar uma agulha. Ou um pincel. Do tempo da caverna até hoje, pincel é pincel, agulha é agulha.



ENGENHEIRO – Stent...



VIAJANTE – Ele não pegou na minha mão. A gente foi lado a lado. Ele era alto, grande, barriga redonda. Pai e filho no barbeiro. Conversa de homem: futebol, política, uma piada ou outra. Quando comecei a ir sozinho foi que as piadas ficaram mais sujas, as conversas mais interessantes: futebol, política, mulher. Aprendi muita coisa no barbeiro. Primeiras letras, digamos.



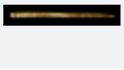
ENGENHEIRO – Em teoria, sistema é um conjunto de partes. Que formam um todo. Cada parte rende mais do que isolada. Independente. Eu devia saber conduzir isso em casa. Trinta e cinco anos engenheiro de sistemas. A experiência na empresa devia valer em casa.



VIAJANTE – A mãe também não era de muito carinho não. Me lembro dos meus irmãos mais novos, os sete que vieram depois de mim, mamando na ama de leite. A mãe acho que tinha vergonha, achava pecado criança chupar os peitos dela.



ENGENHEIRO – Nada. Não vale. Tem afeto envolvido.





PROFESSOR – O humano primitivo não tinha os sistemas de referência que a gente tem hoje. O referencial pra explicar o que acontecia na natureza era o próprio corpo, o grupo familiar.

VIAJANTE – Tudo era pecado. A mãe era muito religiosa. Ia na missa todo dia. Comunhava. A família rezava antes do almoço e da janta. À noite, novena, trezena. Minha mãe tinha calo no joelho de tanto rezar.



PROFESSOR – Do fundo da caverna, ouvia o trovão, via o raio queimar uma árvore. Pô, quem fez isso? Alguém maior que eu, mais forte, capaz de coisas que eu não consigo.



VIAJANTE – Meu pai não. Na hora da reza da noite, ele já estava se aprontando pra ir pro clube. Terno, gravata, colete, corrente do relógio de bolso. Sapato bico fino. Cabelo esticado com Glostora.

ENGENHEIRO –Virei um homem doméstico. Submisso.



VIAJANTE – Ele era jogador. Às vezes, passava a noite no clube.

ENGENHEIRO – Submisso. Que palavra essa? Submissão. Sob missão. Faz sentido. Me dei essa missão. Doméstica.



VIAJANTE – Minha mãe aceitava, até admirava. Ele não ganhava fortunas, mas também não perdia. Quando tive idade pra entrar na sala de jogo do clube, foi com ele que aprendi.

ENGENHEIRO – No mecanicismo do Newton, do Descartes... O Newton... Coitado. Morreu virgem.

VIAJANTE – Mas comigo a história foi outra. Não deu tão certo de lado nenhum.



ENGENHEIRO – Dá pra entender eles verem o mundo como sistema fechado. Como máquina. Tudo mecânico. A peça, a engrenagem que fica velha e gasta, compromete o sistema, é eliminada. Se não troca por outra, o sistema não funciona. Tudo assim: máquina. Sistema fechado.



PROFESSOR – Inventaram os deuses à sua imagem e semelhança. Antropomórficos. Com forma humana. Com paixões, fraquezas. Uma representação humana do que o humano não era capaz de explicar. Famílias de deuses.

ENGENHEIRO – Família é sistema aberto. A função que perdeu com a peça velha, distribui pros outros elementos. Homeostase. Conserva o equilíbrio. No sistema aberto. Na família... Já é questionável.



VIAJANTE – Meu pai e minha mãe, se conheceram na faculdade de farmácia. Meu pai tinha uma farmácia, mas acho que ele não se formou, porque quem assinava



as fórmulas era a minha mãe. Ela não ia na farmácia nunca, ficava só em casa.

Meu pai é que cuidava do estabelecimento, trazia as fórmulas pra ela assinar.

PROFESSOR – Eles não querem saber de nada disso. Mas é isso que faz falta pra eles. O mundo não começou com eles. Há 100 anos não tinha rádio. Há 70 não tinha televisão. Há 40 não tinha computador. Há 20 não tinha internet. É muita informação hoje sobre o aqui e agora.

ENGENHEIRO – Depois de um certo tempo, a vida pesa. Eu olho pra trás, vejo que a gente não pensa na vida, não sente. O foco está nas coisas, no fluxo. Tem de assistir tudo, viajar tudo, todas as festas. Quando começa a não se interessar mais tanto, fica adulto. Quando começa a não ser mais necessário, a vida pesa. Eu... talvez... a gente viva demais hoje em dia.

VIAJANTE – Quando eu era menino, vendia leite condensado na farmácia. Meu apelido era Formigão, eu adorava doce. De vez em quando, roubava uma lata de leite condensado, fazia um furinho com o bico do canivete e mamava ela inteira aos pouquinhos.

ENGENHEIRO – Minha mulher, médica, tem intolerância a glúten. Então, de manhã a gente come tapioca. Eu adoro pão italiano, mas faço companhia. Como tapioca. É bom também. Dá pra variar: Queijo fresco, queijo cremoso, geleia...

VIAJANTE – Meu pai descobriu. Eu tava saindo um dia do depósito, bem de fininho, ele me pegou no pulo. Não bateu. Ele não batia. Não pegava na mão dos filhos, mas não batia também.

ENGENHEIRO – Ela vai pro consultório, eu assumo a louça do jantar de ontem, do café da manhã. Os filhos levantam, vai cada um pras suas coisas. Às vezes, nem tomam café. Absurdo...

VIAJANTE – Eu gelei, dava pra ver a raiva no olho dele, raiva fria. Mandou eu sentar no canto, virado pra parede. Quando eu desvirei, tinha dez latas de leite condensado enfileiradas na bancada do laboratório. Eu não entendi anda. Aquilo era castigo? Comi a primeira, comi a segunda, depois de duas colheradas da terceira aquilo me revirou o estômago, eu disse que não queria mais.

ENGENHEIRO – O corpo tem seus ritmos: o sangue leva um tempo pra circular, a digestão leva um tempo, os rins pra processar...

VIAJANTE – Ele só fez assim com a cabeça, tive que comer a terceira lata até o fim. Saí correndo pro banheiro, vomitei, lavei a boca, voltei, pedi desculpa. Ele só apontou com o dedo. Fui lá, comi mais uma, não chorei, eu era duro na queda,



mas saí correndo, vomitei. Assim até o fim: comia, vomitava, até acabar as dez. “Agora pode ir pra casa” ele falou. Eu fui. Não sei se fiquei com raiva dele. Não bateu. Era mais fácil se batesse porque esse castigo foi pra vida inteira. Nunca mais comi leite condensado.



ENGENHEIRO – Às vezes... Às vezes, o menino ou a menina fazem o grande favor de arrumar a cozinha do jantar à noite, depois da faculdade.



VIAJANTE – Não contei pra mãe. Mas precisava de um consolo, entrei no oratório... Sagrado Coração de Jesus, Sagrado Coração de Maria e no meio um crucifixo bonito, grande, o Cristo de marfim, o sangue umas pedrinhas vermelhas transparentes em forma de gota. Minha mãe ajoelhada, rezando de olho fechado, olhou pra mim, entendeu que tinha acontecido alguma coisa, mas não perguntou. Me chamou com a mão, eu ajoelhei do lado dela. Ela passou a mão pelo meu ombro, fechou o olho de novo, e no meio da Ave Maria, em latim, com a mesma voz: “sancta Maria, mater Dei, ora pro nobis peccatoribus aproveite o poder curativo da oração, meu filho, nunc et in hora mortis nostrae”. E eu completei: “Amém”. E só aí foi que eu chorei. Aí, ela tirou a mão, ajeitou a mantilha de renda na cabeça e continuou com o rosário. Eu fiquei um pouco ali, rezei junto e bem de mansinho saí da saleta. Ela não me chamou de volta.



GRÉCIA
1.600 a. C.



PROFESSOR – Uma cronologia do olhar serve pra dar uma ideia do caminho da arte. Tão válida quanto a ciência. A gente fala “é comprovado cientificamente?” mas não fala “é comprovado artisticamente?” E faz o mesmo sentido.



VIAJANTE – Eu estava sempre aprontando. Tinha dois cinemas na cidade. Todo mundo ia no cinema. Com *O morro dos ventos uivantes* aquilo lotou que era um mar de gente. Eu tinha um bando de amigo, tudo mais ou menos da mesma idade, 15, 16, 17 anos. Combinei com eles, foi todo mundo, sentamos no balcão, lá em cima, na última fila, debaixo do facho de luz da janelinha da projeção.



ENGENHEIRO – Em mocinho, fim de semana era eu, Thales, Hélio e Damião. Que coisa... Ainda peguei o tempo do prostíbulo de interior. Distrito da luz vermelha. Pra nós quatro, bordel era mais um clube pra tomar cerveja, conversar. Sem sexo... Só conversa. Virgens como Newton. O pacto: “A primeira trepada tem de ser por amor”.



VIAJANTE – De tarde, eu tinha pegado um urubu com uma arapuca na chácara do Tirso, filho do dentista, enfiei a cabeça daquele bichão debaixo da asa pra ele aqui-etar, segurei bem apertado debaixo do casaco, meus colegas em volta. Na



metade do filme, abri o casaco, soltei o urubu. Minha Nossa Senhora! Que rebuliço que foi aquilo. Teve meio que um pânico, parecia que tinha pegado fogo no cinema, pararam a projeção, acenderam a luz, uma correria, todo mundo gritando. E quem que conseguia pegar o urubu! Saiu todo mundo, a gente se ofereceu pra caçar o bicho em troca de umas entradas grátis. Pegar, não pegou. Mas tocamos o urubu pra fora porque abriram as portas todas. Até que foi fácil porque o bicho tava mais assustado que todo mundo.

PROFESSOR – A ciência funciona por superação. O que era verdade ontem não é verdade hoje. Cada pesquisa, cada descoberta, supera a anterior. São verdades exatas, racionais.



VIAJANTE – Eu cresci muito sem rumo, sem orientação. Gostava de bicho, tinha jeito mesmo com bicho. Criei muito passarinho, cachorro, galinha. Tudo bicho miúdo de quintal. Se tivesse conselho podia ser veterinário. Ou médico mesmo. Acho que tinha vocação. Mas não o fui até o fim no estudo. Parei antes.



ENGENHEIRO – Quanto aprendi com aquelas mulheres... Horas de papo, com uma, outra, os filhos no interior com irmãs, tias, mães, prostitutas de segunda geração. Tolerância. Generosidade. Compaixão. Virtudes de puta profissional. Saboria prática da vida.

VIAJANTE – Acho que eu sempre parei antes. Em tudo.



PROFESSOR – A arte, ao contrário da ciência, funciona por acumulação. O mito de Édipo, que o Sófocles escreveu 500 anos antes de Cristo, é mais antigo ainda e continua uma verdade humana até hoje. Não é conhecimento exato. É... metáfora.



VIAJANTE – Cresci muito solto. Em casa, ensino era só religião. Não só. Era boa educação também: comer com a boca fechada, guardanapo no colo, usar talher direito, de fora pra dentro, os copos certos.

ENGENHEIRO – “Nêgo, me paga uma Tatuzinho”, “me paga uma Brahma”. Nereide era do guaraná, “Um caçulinha meu nêgo”. Com cachaça.



PROFESSOR – É pena a metáfora ter perdido lugar pro método científico. A ciência é objetiva, é o que é. Mas na arte e no dia a dia ainda vale. A metáfora.

ENGENHEIRO – Nereide... Hélio e Damião acabaram indo com as meninas. Nereide, minha amiga, acabou levando o Thales pra cama. De grátis. No amorzinho. Eu não quis, ela entendeu, achou bonito eu me guardar pra dar a primeira por amor.

VIAJANTE – Eu não era muito de comer. Sempre fui mais de beber. Comecei cedo.

ENGENHEIRO – Sobre eu. Virgem.



VIAJANTE – Na farmácia também, porque um monte de remédio naquela época era feito com vinho, com conhaque. Meu pai acho que nunca percebeu que eu bebia na farmácia. Devia achar que eram os funcionários, porque eles nunca duravam muito. O pai devia achar que eles que bebiam e mandava embora. E eu lá, enchendo a cara.



ENGENHEIRO – Sou um homem sem graça, sempre fui: não sei dançar, não sei cantar, não sei contar piada. Milagre a Nádia ter gostado de mim. Mas aconteceu. Os dois virgens. Dezesete anos...



VIAJANTE – A turma do urubu no cinema durou até ir morrendo cada um. Alguns, poucos, foram embora da cidade pequena, a maioria ficou. Nem todo mundo continuou amigo, mas se via na praça, na sabatina dançante do clube, se cumprimentava na praça, na piscina.



ENGENHEIRO – Os dois, casa dela, edícula nos fundos. Calor. Eu com mais medo que ela. Corajosa... Meu membro na mão dela. Crescendo aos poucos. Tem uma cena igual... onde que eu li? A natureza é forte. A gente sabia o que fazer. Fizemos. Fizemos a faculdade inteira. Me formei, ela formou. Fomos morar juntos. Não casamos. Quanto pode durar casamento com primeira namorada?



VIAJANTE – Na sacanagem também a gente começou junto. No puteiro. Cidade pequena tinha duas três meninas que davam, o resto era virgem, só casando. Então a gente começava mesmo era na punheta. Não era ainda os catecismos do Carlos Zéfiro, ele veio depois.



PROFESSOR – É com os gregos que a gente começa a se identificar, a ver a nossa cara. No ocidente. Na arte: no teatro, na escultura, na cerâmica. Não bastava a forma ser bonita. O vaso, a ânfora, a tigela tinha que contar uma história.

VIAJANTE – O pai do Heitorzinho era médico, quando não tinha ninguém em casa a gente ia pro escritório, com um monte de livrão grosso encadernado de verde e o Heitorzinho sabia quais tinha foto de gente pelada. Era meio nojento porque era coisa de doença, buceta inchada, pau cortado, com ferida cheia de pus, uma nojeira.



PROFESSOR – Aquele prato... não sei se servia pra comer nele, mas pra botar na parede feito a coleção de prato de porcelana do mundo inteiro da minha tia Celina é que não era. Aquiles tratando de Pátroclo. Os dois heróis da guerra de Troia.



Diz que eram mais que amigos. Gregos, né? Já de cara a imagem é bonita. Mas por que que chama tanto o olhar? Pelo realismo da dor do Pátroclo ferido, a flecha do lado, o pingolim debaixo da roupa pra provar que os gregos não usavam cueca, a delicadeza do Aquiles enfaixando o braço... Não só. Tem coisa que a gente vê sem perceber: uma diagonal que cruza com outra, e outra e mais uma, e tudo leva o olhar pro centro da figura. O centro físico e o centro do *sentido* da figura: o curativo, a fraternidade, o cuidado.

VIAJANTE – Mas atrás dos livros de medicina do dr. Heitor, tinha escondida uma coisa bem melhor



PROFESSOR – O mais bonito é a espiral, de fora pra dentro: o olho segue do pé apoiado na parede pelas costas do Aquiles, pelo capacete, pra cabeça do Pátroclo, desce pelo braço até a perna dobrada, pra outra perna, até chegar no curativo de novo, a faixa, o único ponto branco da figura. A gente percebe isso tudo sem querer, sem saber que percebeu, e é essa estrutura da obra de arte que marca no inconsciente. É o mistério. O lado misterioso, secreto, onde nasce a obra de arte. Não é só visão física, nem só cabeça, nem só coração. É tudo junto. O *kokoro* dos japoneses, a mente-corção. Que é como a gente mais aprende a vida.

ROMA
750 a.C.



VIAJANTE – Uma coleção grande de cartão postal. Fotografias de trepada mesmo. Preto e branco. Bem bonitas, tesudas, chiques, coisa francesa.

PROFESSOR – E aí, pronto, eles podem esquecer tudo isso, não lembrar de nada. Porque não vão ser mais as pessoas que eram antes. Aprenderam a olhar desse outro jeito. Sem nem perceber. Ninguém mais vai ver como via antes.



ENGENHEIRO – Um ano de colegial. Quatro de faculdade. Dois namorando escondido. Cinco morando junto. Doze anos. Uma vida... Nem tanto... Os dois interioranos na capital pra faculdade. Eu na república. Ela com o pai, seu Teodoro e o irmão Alex na quitinete. Ainda tinham empregada. Alex meu colega de ginásio. Por que cargas d'água aceitei almoçar lá todo dia?



PROFESSOR – Será? Otimismo meu?

ENGENHEIRO – Pelo preço do bandeirão da faculdade eu comia melhor. Por isso.



VIAJANTE – E na falta de outra coisa a gente gozava com aquilo. Mas bater punheta junto era chato. Ficava um cheio de macho no porão, depois aquele cheiro de água sanitária quando todo mundo gozava.



PROFESSOR – Talvez. Por isso eu não ensino conteúdos racionais, fixos. Ensino processos. Intuitivos. Pra eles pensarem sozinhos. Porque arte não se ensina. Arte se aprende. Ou se lembra: a obra de arte pré existe à criação. O artista só tem de encontrar, descobrir.



ENGENHEIRO – Morre o pai, vem a mãe da Nádia do interior. Ô fera! Se instalou no apartamento, mudou tudo, me olhava feio na mesa. Todo dia, todo dia. Encarei de volta, a explosão: “Quem é esse homem, minha filha? O que que ele faz enfiado aqui todo dia? Comendo na minha mesa? Ele é seu amante?” Nossa... Não esqueço: (*arremeda*) “É seu amante?”

CRISTIANISMO
PRIMITIVO

PROFESSOR – A figura esquemática do ser humano é, basicamente, uma cruz. Que existe muito antes do cristianismo. Já como metáfora. A linha horizontal, o espaço, masculino, o mundo onde o homem das cavernas perseguia a caça, lutava, matava, morria. A ação. A linha vertical, o tempo, feminino, a caverna onde a mulher guardava memórias, intuição, sonhos, a história. A reflexão.



VIAJANTE – Troca troca a gente não fazia. Falava do assunto, mas não tinha coragem. Se bem que todo mundo já tinha comido o cu de alguém. Ralava um pouco o pau, mas era bom. O primeiro que trepou pra valer foi o Digão que comeu a vizinha, menina linda, esperta.



PROFESSOR – Hoje em dia, com a questão da multiplicidade de gêneros, é complicado falar disso. Mas ainda faz sentido.



ENGENHEIRO – Ah, linda Nádia. Peitou a mãe: “Sua mesa, não. É a minha casa. Ou era.” Levantou, fez as malas. De qualquer jeito. E fomos embora pra...(*ri*)



VIAJANTE – A gente perguntou como era e ele falou que era mais macio, mais molhado, do tamanho assim de dois cu juntos. E ficou todo mundo babando de inveja, juntando dinheiro pra ir no puteiro. E por mais que a gente pedisse o Digão não quis cantar a vizinha pra nenhum da turma.



ENGENHEIRO – Memórias soltas, inúteis, não servem pra nada.



PROFESSOR – O ponto onde as duas linhas se encontram, é o núcleo, feminino e masculino, tempo e espaço fundidos numa coisa só. O coração, o amor. Por isso a cruz, símbolo do cristianismo: a religião do grande amor fraterno, de amar até os inimigos.

VIAJANTE – O difícil do puteiro é que os pais também iam lá. Era uma correria quando vinha o pai de algum conhecido. As meninas que estavam na janela avisavam

“tá chegando o teu pai” e a gente saía correndo por onde desse. Tinha muita lealdade das meninas com a gente.



ENGENHEIRO – Tão difícil separar... Imaturidade. Dedo espetado na cara do outro. Até um dos dois resolver não cobrar mais. A Nádia? Eu? Não sei.

PROFESSOR – As imagens primitivas do Cristo na cruz, ele ereto, o braço horizontal e o eixo vertical se cruzam no peito, no coração.



ENGENHEIRO – Fui eu. Briga feia, a última. “Isso que você é na minha vida, Nádia: nada!” Violento! “Fique com o teu rancor que eu vou fazer minha parte. Você faça o que quiser.”

VIAJANTE – Eu sempre gostei de puteiro. Quando veio a pílula e começou a liberdade sexual, por um lado foi bom, mas por outro foi uma perda. Se perdeu aquele companheirismo, aquela sociedade paralela do distrito da luz vermelha.



PROFESSOR – Aí, a arte começa a ficar mais realista, acharam que o cara pregado na cruz não ia ficar em pezinho daquele jeito. Fizeram o cara despencar com o peso do corpo, as pernas dobraram, a cabeça baixou. A cabeça é que ficou no centro da cruz. O centro não era mais o coração, o amor, o emocional. Era o cérebro, o pensamento, o racional.



ENGENHEIRO – Racional.

VIAJANTE – Acho que muito problema de família se resolvia ali. Porque casamento não era uma coisa franca. Certas coisas não se fazia com a esposa.



ENGENHEIRO – Racional, doméstico, intuitivo, submisso, sem graça...

VIAJANTE – Um boquete, um 69, um sexo anal, era falta de respeito com a mãe de seus filhos.

ENGENHEIRO – Quantas consciências.



PROFESSOR – O real toma o lugar do simbólico. Não é acaso. Pode ter sido sem querer, mas é um símbolo, cheio de potência, de sentidos não explícitos. O fim da era da intuição, da arte, o começo do domínio da ciência, do racional, onde a gente está até hoje.

VIAJANTE – Pra mulher devia ser mais difícil, mas era assim que era. E tinha que casar virgem. A mulher e o homem, os dois faziam questão disso. Da virgindade da mulher.

ENGENHEIRO – Fiel também. Sempre fui fiel. Na relação. Entre uma relação e outra, a promiscuidade. Surto de promiscuidade. Que absurdo.



VIAJANTE – Minha mulher era uma morena de tirar o chapéu, nova na cidade, muito arrumada e reservada, eu só via domingo na missa, numa procissão.

ENGENHEIRO – Meus filhos liberados trazem namorada, namorado pra dormir em casa, mas no meu tempo se trepava mais. Ah, era mais. Quando a pílula era novidade, o corpo era um brinquedo divertido.



VIAJANTE – Sábado de noite, formava duas rodas na praça. Na de dentro, as meninas andando pra um lado. Na de fora, os homens, andando pro outro. Era onde a gente flertava, contava as intrigas, quem andava com quem. No clube, eu não via ela nunca.

ENGENHEIRO – Não tinha AIDS. Tinha penicilina pra doença venérea. Gonorreia nunca tive. Na primeira sífilis, sem sintoma, sonhei que era Gulliver ao contrário: um exército de gente pequena correndo não em cima de mim. Dentro. De manhã, as roséolas: sífilis. Secundária já. Duas penicilinas, sadio de novo.

PROFESSOR – Será que isso interessa, porra? Mas é isso, sim, que eu quero: abrir a cabeça deles pra pensar de outro jeito, fora do padrão, fora do sistema.

ENGENHEIRO – Que irresponsabilidade. Posso ter passado adiante. Mas... já foi.

VIAJANTE – Minha irmã Lila estava na classe dela na escola, contou que a mãe viúva, dona Lazineira, o irmão mais velho, Laurindo, e a irmã mais nova, Maria, tinham mudado pra nossa cidade porque passaram dificuldade na cidade deles.

ENGENHEIRO – E pensar que o Nietzsche morreu de sífilis. Ou do tratamento da sífilis, mercúrio. É. *(sacode a panela que está enxugando, balança o cabo)* Se esfregar a panela segurando pelo cabo, o cabo acaba frouxo. Perde a panela. Pra que serve panela sem cabo? *(com a ponta de uma faca, aperta o parafuso)*

VIAJANTE – A Lila me apresentou e achei que ela não gostou de mim essa primeira vez. No primeiro baile mais chique do clube, convidei e ela aceitou. Aí ela ficou mais interessada. Viu que eu não era bonitão, mas era educado, tinha classe, era respeitador.

ENGENHEIRO – Naquela época, tinha segurança, confiança. Trocava um olhar na rua, parava, conversava, pintava tesão ia pra casa. Nem perguntava o nome. Uma tarde de amor, de sexo. Pronto. Fácil. Simples. Prazeroso. Fraternal. Com o perigo que é hoje, imagina fazer isso? Acho que tinha até menos estupro. Que coisa... Acabei dizendo “no meu tempo era melhor”.

VIAJANTE – Eu era o mais velho, meu pai me botava pra ajudar na farmácia. Mas eu não queria ficar esfregando a barriga no balcão nem na bancada, preparando

ALQUIMIA

remédio. De remédio eu gostava, entendia, lia as bulas, lia o almanaque *Pharrol da Medicina* que saía todo ano, grosso assim, aprendia.

PROFESSOR – *(canta)* “Os alquimistas estão chegando, estão chegando os alquimistas”... Não é do tempo deles. Mas quem sabe com a alquimia. O ovo filosofal, um frasco de vidro onde o alquimista mistura enxofre, sólido, masculino; mercúrio, fluido, feminino; e sal pra casar os dois, cozinha, a mistura fica negra, depois branca, aí, vira pó, um farelo vermelho igual aquela farinha nojenta que andou na moda, pra molhar o pirulito. A pedra filosofal. Derretida com qualquer metal, vira ouro. Dissolvida em água, o remédio universal, o elixir da longa vida, a vida eterna na terra.

ENGENHEIRO – Mas era melhor mesmo. A relação social hoje não tem clareza. Não. Clareza tem. Violência, indiferença, desrespeito, egoísmo tudo mais claro que nunca. Sistêmico. Como se o cadinho social tivesse resto de comida. Grudado no fundo. Pretejado. Tem de raspar com a colher pra lavar.

VIAJANTE – Por isso acho que eu consegui emprego logo. Quando comecei trabalhar ainda não tinha laboratório grande. Remédio pronto era meia dúzia, Cafiaspirina, Cibalena, Elixir Paregórico, pomada Minâncora, Polvilho Antisséptico, Antiflogistine, Colubiazol...

ENGENHEIRO – Quem nunca esfregou uma panela com comida grudada não sabe que dá o mesmo prazer que resolver uma equação de sistemas. Dependendo do dia, quando estou esfregando, a unha preta de bom brilho, me dá raiva. Um ran-cor que nunca pensei que pudesse sentir pelos filhos, pela mulher.

VIAJANTE – Fui trabalhar num escritório de representação. Vendia ingrediente básico pra farmácia de manipulação preparar o remédio. Uma ou outra dessas marcas vendia também. Eu era bom de lábia, sabia vender. Não demorou muito, eu era representante comercial da Bayer, “se é Bayer é bom”. Poucos produtos ainda. Só bem depois, durante a guerra, aumentou o número de remédios. Aí foi rápido, chegaram no Brasil os grandes laboratórios. Quem já tinha experiência como eu, era disputado.

ENGENHEIRO – Sacanagem. Ninguém deixa o trabalho pra cuidar da casa. Só eu. É curso, é reunião, é cliente. Deles. E eu na pia. Lavando, esfregando. Ficou natural. Função do papai. Me dá raiva. Muita raiva. Tem hora que... vou largar esta droga toda, alugo uma quitinete, eles que se virem! Vão me visitar e ... Aí, chega um, chega outro. Abre um sorriso, me beija.





PROFESSOR – A arte física, “científica” da alquimia é só suporte pra metáfora, pro conhecimento verdadeiro. A catedral gótica um gráfico da alquimia, a alquimia que investiga as transformações da Matéria elementar. Mater-res. Mater, mãe. Res, coisa. Mãe da coisa. Matrix. Sófia. Na Bíblia: “Javé me possuiu no princípio dos seus caminhos, antes do começo da terra... quando ainda não havia abismos, fui gerada, quando ainda não havia fontes carregadas de águas.”



ENGENHEIRO – Que bom que nesta família a gente se beija. Limpa tudo. A vida fica boa outra vez. Parece panela de alumínio branqueada com limão.

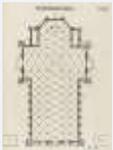


PROFESSOR – Gozado, cada vez que cruzo uma Bíblia, abro nos Provérbios. A Sabedoria, Sófia, esposa de Deus. Ninguém fala disso. Ninguém cita a esposa de Deus.



ENGENHEIRO – Onde será que aprendi essa? Na internet não foi. Alguma empregada de quando eu era criança fervia o limão usado pra branquear a panela.

PROFESSOR – Mas não dá pra ir por aí. Não dá pra atravessar a barreira de preconceito com a Bíblia assim de passagem, numa aula de generalidades. Vai parecer pregação, não poesia. Muito menos sabedoria. So-fi-a.



ENGENHEIRO – Rosália! Foi. Era Rosália que branqueava com limão.

VIAJANTE – Viajante chamava a profissão. Eu fazia só as praças maiores do estado, sede de região. Combinava comigo. Igual marinheiro, uma mulher em cada porto. Melhor, porque não era mulher fixa nenhuma. Não demorou muito eu conhecia quase todos os puteiros do interior do estado. Às vezes, nem ficava no hotel, dormia lá mesmo.



ENGENHEIRO – Minha mãe falava “Rosália é uma máquina”. Justificava tudo: depender dela pra lavar, passar, cozinhar, remendar. Que sacanagem. Eu sou do tempo que era natural ter empregada. Natural e possível economicamente.



PROFESSOR – Mas dona Sofia, tá lá, em Notre Dame de Paris, o baixo relevo logo na entrada: os livros na mão direita, um aberto, esotérico, pra todos, um fechado, exotérico, pra iniciados, o cetro, um ramo de planta, na outra. Entre as pernas da mulher a escada que liga o céu e a terra, o material e o abstrato. O que interessa não é um nem outro, é o trajeto entre um e outro.



ENGENHEIRO – Outros tempos.

GIOTTO DI BONDONE
1267 - 1337



PROFESSOR – É bonito. Não dá pra negar. Mas será que interessa?

VIAJANTE – E quando voltava pra minha cidade, estava lá minha mulher me esperando. Quer dizer, namorada ainda. No começo, tinha de sair junto com a irmã, dela

ou a minha. Tudo muito sério, comedido, só pegava na mão, beijinho no rosto, depois de bastante tempo na boca, mas de boca fechada. Mulher honesta não beijava de boca aberta. Nem em filme americano.



ENGENHEIRO – Rosália me levava pra casa dela, estudar com o filho dela, Israel, negro como carvão, vá saber porque ela botou esse nome. Meu colega de escola. Do primário à faculdade. Escola pública daquele tempo: filho do prefeito milionário, filho da empregada, eu de classe média, na mesma carteira.

ENGENHEIRO – Depois... Rosália saiu de casa, ficou só de lavadeira. Israel vinha junto trazer a roupa lavada, levar a roupa suja. Máquina de lavar não existia. A mãe, a dele, a minha, conferindo rol de roupa. Nós dois discutindo literatura, ele também gostava de ler.

VIAJANTE – Eu sabia que não podia insistir, tinha que ir no passo dela, mostrar que respeitava, que não ia abusar, que queria casar mesmo. Se tinha todas as outras mulheres do mundo pra que ia forçar com a que eu tinha escolhido pra ser minha? Só quando a gente marcou o noivado, foi que ela aceitou beijar com a boca aberta. Mas chorou quando sentiu minha língua.



PROFESSOR – Van Eyck. Flandres. O casal Arnolfini. As linhas estruturais conduzem pro centro, pras mãos juntas. No lustre, uma vela acesa do lado do homem, nenhuma do lado da mulher. Ela yin, escuro, noite, ele yang, claro, dia.



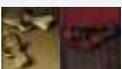
VIAJANTE – Muito tempo depois, a gente já casado, com filho e tudo, ela me contou que chorou não foi por causa do beijo de língua...



PROFESSOR – Na moldura do espelho ao fundo, do lado dele imagens da vida de Cristo no mundo, do lado dela, da morte de Cristo, na vida do além. Nos Países Baixos, “abaixos” do nível do mar, tamanco era obrigatório, rua sempre molhada. O dele do lado da porta, do mundo exterior, campo da ação. O dela, no fundo, o espaço íntimo, campo da reflexão.



VIAJANTE – Foi porque tinha escutado atrás da porta o tio Chico, irmão da mãe, aconselhar: “Lazinha, casa logo essa menina mais velha que é uma boca a menos pra sustentar”.





PROFESSOR – O cachorrinho entre os dois, a fidelidade. Ou o lado animal do ser humano.



VIAJANTE – A mãe dela concordou e minha mulher chorou muito e aceitou o noivado comigo. Eu acho que não era bem assim, que ela gostava de mim de verdade. Mas enfim.



PROFESSOR – Quanto mais a gente olha, mais coisa vê. Mas tem que olhar. Na arte e na vida. É só um retrato de um casal e é mais que um retrato de um casal. É um retrato de uma época, de uma fase da história. E de nós. Ainda hoje.



ENGENHEIRO – Outro mundo. A vida diferente. As distâncias sociais menores. As relações mais... Naturais, quem sabe. Não tinha a violência de tragédias urbanas. O sistema social era outro. Menos consciente das diferenças de classe? De gênero? De raça? Mais ingênuo? Sistemas abertos com um funcionamento mais fluido e... Autopoiese talvez.



VIAJANTE – O Laurindo, irmão dela, de repente começou a tossir, a emagrecer, febre alta no fim do dia, duas rosas vermelhas na cara, eu sabia que era pulmão.



ENGENHEIRO – Autopoiese. Poiesis. Regeneração. Interação com o meio ambiente. Relações constantes dos membros do sistema. Isso tem ainda. Relação constante. Como não ter? Não é só questão prática, convivência doméstica, banal, lavar prato, lavar roupa, organização. Tem diálogo. Tem poiesis.



VIAJANTE – O pai deles tinha morrido de tuberculose. Mas ninguém falava, era tabu. A dele foi galopante. Em três meses, Laurindo morreu. Foi um golpe, único filho homem, era a esperança da família melhorar de vida.

ENGENHEIRO – Na troca sempre alguma coisa nova, que não existia antes. Meus filhos assistem filme comigo, com a mãe, comentam, falam com a gente... Falam. É política, economia, a dureza de se botar no mundo hoje em dia. A filha quer sair de casa, morar com amigos. Tá certo. Tá na idade. Tá difícil. Questão econômica principalmente.

VIAJANTE – Em 1944, fim da guerra, me casei. Eu com 22 anos, ela com 17 pra 18.

ENGENHEIRO – Eu saí com dezesseis? Dezessete anos. Ensino médio na capital, aprender já pra faculdade. Eu. Nádia, mesmo com o pai e o irmão, se virava sozinha. Hoje... 25, 30 anos filho ainda em casa. É comum. Lado bom e lado ruim. Pra todos.

PROFESSOR – Na idade média... Até no Renascimento, o povo analfabeto, a arte sacra narra as histórias que o padre conta. Igual nas cavernas, a partir do corpo, do físico, concreto. Nas cavernas, o corpo vivo fora do humano, os bichos. No Renascimento, o próprio corpo humano, o olhar pra si mesmo. O foco no homem. O humanismo.

ENGENHEIRO – No meu tempo...

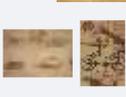
PROFESSOR – Leonardo criou duas das imagens mais conhecidas até hoje. A Santa Ceia, uma composição incrível. Todas as linhas de fuga da perspectiva do teto levam à cabeça do Cristo, que está no centro vertical e horizontal do mural. Tudo é múltiplo de 3 ou 4, 3 vezes 4 igual a 12 apóstolos. Mas apesar da Ceia, da Madona das rocas, da Mona Lisa, a pintura não era o principal pro Leonardo. Humanista, ele se interessava por tudo: pintura, escultura, arquitetura, tecnologia, escreveu até contos para crianças...

VIAJANTE – Ela era virgem de tudo. Nesse tempo, mulher tinha muito medo de sexo. Era coisa de igreja, de família, falta de conhecimento. Minha irmã Lila, ouviu uma colega contar que ficou grávida e convenceu a mãe velhinha que espermatozoide voava. A mãe acreditou e a tonta da minha irmã também. Já adulta!

ENGENHEIRO – Incrível como eu posso ser ruim, mesquinho, quando lavo a louça, recolho a roupa, guardo o que tá solto pela casa. Um ódio... Desaforo eles acharem que é natural ficar tudo pra mim. Conversa não adianta. A relação fica chata. Tudo que eu falo é censura, é ordem, reclamação.

PROFESSOR – Inventou paraquedas, helicóptero, tanque de guerra, bicicleta... Tão genial como homem das cavernas: do nada, só não tinha era força motriz pro que ele inventava. Visionário. Gênio. Além de artista, sábio.

VIAJANTE – Meu casamento foi bonito. Ela muito linda, um pedaço mesmo, vestido de renda com cauda, véu comprido, buquê de flor de laranjeira, perfumado. O irmão rico do meu pai, tio Zozô, deu de presente de casamento a lua de mel, 15 dias no cassino dele no Guarujá. Minha mulher só tinha visto aqueles luxos em filme de cinema, jantar dançante, comida da melhor, show de gente famosa toda noite. Ela sempre chique, roupa que ela mesma que fazia, sabia costurar. Brilhava na sala de jogo, ficava olhando o carteador, a roleta, e aquele bando de gabiru milionário botando o olho em cima dela, achando linda a minha esposa, estrela de Hollywood. Dava orgulho.





PROFESSOR – Pioneiro numa porrada de coisas, principalmente anatomia. Estudar anatomia era proibido. O Leonardo mandava roubar cadáver pra dissecar. Não tinha fotografia, desenhava. Científico sem renunciar à poesia. Fusão de arte e ciência.



ENGENHEIRO – Subterfúgio também não adianta. Patética simulação fingir que caí de noite quando fui ao banheiro no escuro. (*arremeda a si próprio*) “Não deixem sapato no meio da casa. Eu tropeço, se cair quebro o fêmur, quero só ver. Esta casa vira um pandemônio.”



PROFESSOR – A outra obra, muita gente considera o desenho mais famoso do mundo. De novo o “mais do mundo”. É o Homem de Vitruvius. Um estudo das proporções ideais do ser humano, cada parte do corpo relacionada a outra. Tudo descrito minuciosamente na escrita espelhada que ele usava: de trás pra frente, da direita para a esquerda.



ENGENHEIRO – Pra mim é absurdo: um pé de sandália debaixo da mesa, o outro do outro lado da sala. Não pode ser preguiça. Não a esse ponto. É neurótico... Fica tudo onde caiu no chão, pula o cabide, o tênis, meia, mochila, conta do mercado, recibo do cartão, até livro...

PROFESSOR – Imagino o estúdio do Leonardo com um monte de pedaço de gente morta pendurado. Argh! Do lado da Mona Lisa!

ENGENHEIRO – O rolo de papel higiênico na beira da banheira, o tubo de pasta de dente apertado no meio, o chão do banheiro molhado... Não consigo. Nunca deixo chão molhado. Meus filhos, minha mulher, deixam. Faço uma ginástica, me retorço feito lagartixa pra enxugar um pé antes de pisar no tapetinho, depois o outro, segurando a porta do box com o joelho. Minha mulher diz: “molha o chão do banheiro, meu bem, molha o chão, seca sozinho.” Experimentei. Não consigo. Me incomoda aquela pegadona no chão. Tão fácil não molhar e mesmo...



MICHELANGELO
1475-1564

PROFESSOR – Quem integrou mesmo a anatomia na pintura, na escultura é o Michelangelo. Eu acho. Diz que como não tinha mulher pra posar, ele usava garotos. Quer dizer, se quisesse mesmo sempre tinha mulher disposta a tirar a roupa prum artista famoso. É que ele *preferia* os moços. Aí, mesmo as figuras femininas, as Sibilas do teto da Capela Sistina: braço musculoso, perna forte, ombro largo... E muito homem pelado. O papa Júlio II, que encomendou a



pintura da Sistina, foi lá ver como estava indo o trabalho, falou: Ô, Michelangelo, tá pintando todo mundo pelado? O pintor respondeu: Cuide o senhor da alma que eu cuido do corpo.

VIAJANTE – A noite de núpcias foi difícil. Pra ela não foi bom. Não teve muita dor, sangue foi pouco, mas também não teve gozo. Ela dura feito uma tábua, mas fazendo um esforço pra me dar o que eu queria. Eu tive paciência, fui devagar. Mas aí chegou uma hora que a gente, cansado da viagem, eu querendo muito sentir ela por dentro, errei a mão, não dei o tempo que ela precisava.

ENGENHEIRO – Eu desisto antes de terminar a frase às vezes. Muito até. Vou falando, de repente me dou conta que... Poupa tanta coisa...

VIAJANTE – Tinha 15 dias de núpcias pra remendar. E remendou. Ela perdeu o medo. Acho até que gozou alguma vez, quem sabe. Não sei. Não se perguntava essas coisas. Era tudo só no entendimento. E eu, mais experiente, é que tinha a obrigação de saber como é que fazia a coisa. Eu acho que melhorou.

PROFESSOR – A questão da sexualidade do artista... melhor não embarcar nesse assunto.

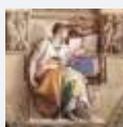
VIAJANTE – Mas, rapaz!, eu pisei na bola. Na véspera da gente ir embora, o show foi com uma cantora americana, um mulherão, mais alta que eu, bateu o olho em mim e me marcou no meio do povo. Minha mulher não era boba nem nada, percebeu. Mas em vez de ficar e não desgrudar de mim pra gringa ver que tinha dona, quis voltar pra suíte. Eu insisti pra ficar mais, tomar uma champagne pra despedir. Ela disse que se eu não subisse, ela subia sozinha. Eu fui. Mas quando ela estava no banheiro se preparando pra deitar, eu fiz a cagada. Saí de fininho, fui ver a americana. Ela estava no bar, não me esperando, claro, mas querendo alguém. E o alguém fui eu. Pior foi que perdi a noção do tempo. Quando acordei na cama dela, já era de manhã.

PROFESSOR – Por que não? Vamos lá. A liberdade é indispensável pra criação artística.

VIAJANTE – Voei pra suíte, minha mulher estava pronta, as malas fechadas, a cara inchada de chorar. Não disse um pio. Eu sabia que não adiantava desculpa, não tinha desculpa. Nem deu tempo também. O carregador do hotel chegou junto comigo, ela botou óculos escuros pra disfarçar e a gente desceu.

VIAJANTE – As malas na frente, ela atrás das malas, eu atrás dela.

PROFESSOR – O artista existe justamente pra questionar os limites do pensamento, da moral vigente. Não é raro o artista transgredir a “norma”, o que é aceitável socialmente na sua época.





VIAJANTE – Quando a gente saiu, a cantora estava entrando no táxi. Minha mulher saiu correndo. Achei que ia fazer um escândalo. Ela pediu autógrafo, a americana deu e foi-se embora. Minha mulher voltou pro nosso carro e me entregou o papel com o autógrafo da gringa assim na ponta dos dedos, a cara virada pro outro lado. Eu peguei, amassei sem nem olhar, pra ela entender que eu não queria guardar nem a lembrança da americana, se desse pra esquecer.



PROFESSOR – O corpo é veículo da comunicação visual. Desde Platão na Grécia, o ser humano uma dualidade: corpo e mente, concreto e abstrato. Representando um, representa o outro.

VIAJANTE – Não sei como ela me perdoou. Eu não perdoava.

ENGENHEIRO – Em família já... não...



VIAJANTE – Com o tempo a coisa foi amansando, mas mesmo dormindo na mesma cama, ela dava um jeito de dormir antes...

ENGENHEIRO – No trabalho não tinha de explicar, tinha de resolver, definir, distribuir, os outros faziam. Cada um o seu.

VIAJANTE – ...ou demorar pra ir pra cama se eu tomava umas e outras, quando ela vinha eu já estava roncando. Eu ronco.



ENGENHEIRO – Aqui em casa... humpf. Eu tento. Conversar. Distribuir funções...

VIAJANTE – Menos de um mês depois que a gente voltou, estava ela, eu, e minha irmã Lila no correio, ela desmaiou: estava grávida.



PROFESSOR – Não tem um ponto onde acaba o corpo e começa a consciência, a alma. Não é corpo e alma, é corpo/alma e alma/corpo.

VIAJANTE – Puta merda, rapaz! Eu ia ser pai! Não que fosse a coisa que eu mais queria no mundo, achei que era natural, quem casa, tem filho.



PROFESSOR – Aí vem o Descartes no século dezessete e fala “penso, logo existo” e separa de uma vez o corpo e a mente. Penso – logo existo. Começa de fato a idade da razão. Tem de duvidar de tudo, comprovar tudo.



ENGENHEIRO – Organizar. De algum jeito. O que chegou mais perto, foi explicar teoria dos sistemas.

VIAJANTE – Mas me deu uma alegria. Afirmação da minha macheza, a esposa grávida logo depois da lua de mel. Não sei se eu pensei nisso assim claro, mas de filho, eu ia virar colega do meu pai.

O Engenheiro imita a si mesmo, didático, arrumando um jogo de chá numa bandeja.

ENGENHEIRO – “No sistema termodinâmico vários elementos se relacionam uns com os outros Sistema pode ser aberto, fechado ou isolado”.

VIAJANTE – Eu tinha uma baratinha conversível, uma Ford V8 de dois lugares, amarela.

ENGENHEIRO – “Sistema aberto é quando tem troca de massa e de energia entre o sistema e o meio. Meio é o que está fora do sistema”.

VIAJANTE – No trabalho, combinei de só fazer cidade perto, que dava pra ir e voltar no mesmo dia ou de um dia pro outro.

ENGENHEIRO – “Sistema fechado é quando só tem transferência de energia. Ou calor. Por isso *termodinâmica*. Com o meio”.

VIAJANTE – Eu queria mudar. Acho. Não parei de beber, mas reduzi.

ENGENHEIRO – “Sistema isolado é quando não tem troca. Tudo só dentro”.

VIAJANTE – Enchi minha mulher de presentes. De cada cidade trazia uma coisa.

ENGENHEIRO – “Primeira Lei da Termodinâmica: um sistema não cria, nem destrói energia. (*sai devagar com a bandeja, ainda se ouve sua voz na coxia*) “A energia se conserva. Muda de um tipo pra outro”.

VIAJANTE – (*sobre a voz do engenheiro*) Mudamos pra um bangalô numa praça, bairro bom, eu ganhava bem.

ENGENHEIRO – (*fora de cena, longe*) “Segunda Lei da Termodinâmica: o calor passa sempre do mais quente pro mais frio. Processo irreversível: não tem volta. Entropia. Não é confusão”.

Engenheiro volta com um grande cesto de roupas lavadas que coloca no chão. Fala enquanto dobra as roupas, inclusive os difíceis lençóis de elástico.

PROFESSOR – Bom.

ENGENHEIRO – Eu sempre fui bom de entender, ruim de explicar.

PROFESSOR – Bosch é a paixão pelo detalhe, mais pra alegoria. Uma prévia do surrealismo, antes do surrealismo. Dá pra passar uma vida no Jardim das Delícias descobrindo os detalhes. O Eugênio... não, meu amigo pintor garante que é uma viagem de ácido. De ácido talvez não, mas que é uma viagem, é. Muito louco...



BOSCH
1450-1510



VIAJANTE – Foi quando começou a aparecer a penicilina, o primeiro antibiótico fabricado em grande escala por causa da guerra. Uma coisa milagrosa.

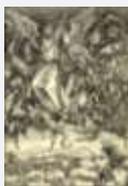
ENGENHEIRO - Todas as roupas pelo avesso. Eu nunca... Podia não dobrar, já que eles não prezam... Não consigo. Culpa nossa: não cultivamos desde a infância, Dulce, a empregada fantástica, verdadeira governanta, não se sabia nem o que ia comer no almoço, fazia tudo pelos meninos.

DÜRER
1471 - 1528

PROFESSOR – Albrecht Dürer foi o Leonardo da Vinci do renascimento alemão. Ainda ligado ao gótico religioso. Aperfeiçoou a técnica da gravura em metal. Excepcional a série *Apocalipsis cum figuris*. Olho aberto pro espírito do tempo, pleno desenvolvimento da imprensa do Gutemberg. Influência forte no que veio em seguida.



VIAJANTE – Se tivesse aparecido um, dois anos antes, Laurindo, meu cunhado, não morria de tuberculose. Ninguém mais ia morrer de tuberculose! Sífilis que antes tratava com mercúrio, que matava quase mais que a doença, agora curava com duas doses de penicilina! E junto, aos poucos foi vindo uma porção de remédio novo. Sintético. Feito em laboratório. Fármacos novos curando uma porção de doenças. Eu estudava, visitava os médicos, informava, distribuía amostra grátis. Vendia muito. Muito.



ENGENHEIRO – Valdelice vem duas vezes por semana, a limpeza mais pesada. Baiana. Inteligente. Aberta. Franca. Mais lúcida que colegas meus. Minha mulher sente ciúme quando ela pergunta pra mim por onde começar, me pede pra comprar algum produto... quando fala comigo como se eu fosse a dona da casa.



VIAJANTE – Eu ia ser pai e a vida estava sorrindo pra mim.

ENGENHEIRO – E eu sou.

VIAJANTE – Minha mulher ficou linda na gravidez, radiosa mesmo. Mas não deixava nem eu chegar perto. Por mais carinhoso que eu fosse. Foi nove meses de secura pra mim. De castigo por causa da besteira que eu fiz na lua de mel. Eu queria mudar. Mas sem sexo não dava. 23 anos, na força da idade, tinha que gastar aquilo. Voltei pros puteiros.



PROFESSOR – Os dois Bruegel. O Velho e o Jovem, pai e filho, retratos da vida do povo trabalhador, uma classe ascendente que ia virar burguesia. Nem todos, claro.

BRUEGEL O VELHO
BRUEGEL O JOVEM



VIAJANTE – Quando meu filho nasceu, um menino, eu fiquei embasbacado. Cinquenta centímetros, quatro quilos e meio! Minha mulher era miúda, quase franzina mesmo. Foi sacrificado pra ela, 72 horas de trabalho de parto.



ENGENHEIRO – Minha filha é amealhadora, junta coisas. A expectativa é de que o espaço é todo dela, não mora mais ninguém na casa. Só ela. Rainha. Usa a chaleira não bota a tampa, pega o azeite não volta pro lugar. O pacto é eu não me meter no quarto dela se ela não bagunçar as áreas comuns.



VIAJANTE – Homem não ficava cuidando, trocando fralda, fazendo mamadeira e tal, eu só queria era mostrar pra todo mundo a criatura que eu tinha feito. Primeiro neto dos meus pais. E filho meu! Tinha que ter o meu nome ou o nome do meu pai.



ENGENHEIRO – Não funciona e ela... A porta do quarto aberta. Toda porta sempre aberta. Porta, gaveta, armário, sempre mão única, abre e não fecha.



PROFESSOR – A Reforma protestante do Lutero. Um movimento de rebeldia fundamentalista pra retomar uma religião séria, sisuda, vivida a cada momento do dia, foi além da religião. Virada político/social. A autoridade máxima não era mais a autoridade religiosa, era a política, leiga. Começo de uma nova forma de capitalismo.



ENGENHEIRO – Passo, vejo a bagunça... Fotografei. Montei do lado da foto, uma outra de sem teto com monte de tralha debaixo do viaduto. Igual. Minha mulher não deixou mostrar pra ela. Fez bem. Muito violento. Minha mulher me ajuda a controlar esse rancor.

VIAJANTE – Ela, a mãe e a irmã queriam botar Laurindo, nome do irmão falecido no começo do ano. Era morbidez, não concordei. Foi nossa primeira briga feia. Primeiro porre depois que voltei a beber. Primeiro jogo sério que perdi uma puta grana.

PROFESSOR – Tá ficando conceitual demais. Teórico. Histórico demais. Chato. Se fica chato aí que eles não vão olhar nada mesmo.

O Professor se irrita. Fecha o caderno com violência. Levanta-se, dá a volta na mesa.

VIAJANTE – O menino acabou com um nome comprido que nem ia caber no documento.
Mas ficou: o nome dos dois avós.

PROFESSOR – Quero que eles descubram como se olhava o mundo em cada época. Até dar no hoje. Pelo olhar, não pelo fato histórico. Mas precisa referências! Referências! (*procura um livro entre os outros*) Nós não estamos mais nas cavernas, onde tudo partia de si mesmo... (*torna a sentar, abre o livro e o caderno.*) Ou estamos?

ENGENHEIRO – Esquisito esse rancor. Intenso. Mas sem raízes. Não fica. Passa. Não dá o tom da relação. Com os meninos. Com ela.



CARAVAGGIO
1571 - 1610

PROFESSOR – Quem sabe com o barroco. Caravaggio. Inventor do “chiaroscuro”: uma única fonte de luz, um claro e escuro dramático. O foco na vida real, gente como a gente, mesmo com tema bíblico. Gente que o Caravaggio pegava na rua pra posar: mendigos, prostitutas, vendedores. Na Ceia de Emaús, a diagonal leva o olhar pro Cristo no centro. A cena cheia de movimento. Um homem levantando da cadeira, assombrado com a bênção do pão. O homem da direita, braços em cruz, marca a terceira dimensão, a profundidade, antecipa a crucificação.



VIAJANTE – Meu filho me dava alegria. Meninão forte, taludo, se acabava de rir aquela risada gostosa de bebê quando eu jogava ele pro alto e pegava de volta. As mulheres da casa aflitas, com medo que eu derrubasse. Um dia, o danadinho sem fralda, quando levantei, mijou dentro da minha boca.



PROFESSOR – A ressurreição de Lázaro, a própria composição cheia de sentido: a metade de cima vazia, o mistério, a escuridão da morte, a metade de baixo, terrena, cheia de gente, a vida múltipla, cheia.

VIAJANTE – Dona Lazinha, a mãe dela e Maria, a irmã, vieram morar com a gente.



ENGENHEIRO – Meu filho é mal humorado. Lacônico. Ríspido. Ao mesmo tempo, um saco de sorrisos. A expectativa é de que todo mundo está sempre disponível. Se não entendo o que ele diz, repete ríspido, cobra atenção. Absoluta. Não amalha, mais asceta. Bagunceiro igual: de repente nem tem mais roupa pra vestir. Tudo usado. Não pergunte como foi o concerto. O músico. No máximo “Bom.” “Legal.” E direto pro quarto.

PROFESSOR – A crucificação de São Pedro, linhas de força tão nítidas que não deixam a gente esquecer do quadro. O apóstolo crucificado de cabeça pra baixo porque disse que não merecia morrer igual a Cristo.



ENGENHEIRO – Brilhantes discutindo. Leitores vorazes. Tolstói, Dostoiévski, Simone de Beauvoir, Guimarães Rosa, política... Eloquentes. Defendem posições. Argumentam. Cabeças claras, informação, fundamentos... Ô orgulho!

PROFESSOR – O Narciso apaixonado por si mesmo na fonte, um ser humano comum, sem aura de mito, forma um círculo fechado com a própria imagem, nada do que está fora de si mesmo interessa.



VIAJANTE – Despesa não dava porque dona Lazineira era professora, ganhava o próprio dinheiro, Maria já trabalhava também, as duas até colaboravam. E eu estava ganhando muita grana, viajante pra um laboratório importante que chegou no Brasil com vontade.

PROFESSOR – São Jerônimo, que era devoção do Caravaggio, não tem nada de idealização. É real.



VIAJANTE – O sobradinho novo era confortável. Três quartos, eu e a esposa num, no outro a sogra e a cunhada, o menino no terceiro. Depois da mudança, comecei a passar muito tempo de viagem. Era bom pra respirar, mas quando eu voltava não era mais como se fosse minha casa. Quem consegue enfrentar três mulheres dentro de casa?



PROFESSOR – Sem contar a carne, ele está cercado das cores das três fases da grande obra alquímica.




ENGENHEIRO – Sexo, drogas, comportamento, política, religião... Em casa falamos de tudo. Jantar em casa. Colega da esposa, cirurgião, simpático, um pouco dono da verdade, alguma frase inteligente sobre capitalismo, meu filho, 19 anos, o lacônico de sempre, tirando os pratos: (*imita*) “Marx já disse isso no século dezenove.” Questão política é com ele. Identitária com a menina. Mas bronca é com os dois.

PROFESSOR – Preto, o físico, branco, a razão, vermelho, a emoção, aparecem em muitas mitologias. No candomblé, os três sangues do humano: fezes, sangue negro; suor, lágrima, esperma, sangue branco; sangue sangue, fluxo menstrual, vermelhos.

VIAJANTE – As três nem se davam assim tão bem entre elas, mas quando eu chegava fechavam uma com a outra e eu era o macho invasor.

GEORGE DE LA TOUR
1593 - 1652



PROFESSOR – Os quatro cavaleiros do Apocalipse: o branco, a peste, o vermelho, a guerra, o preto, a fome, o amarelo, que é variação do vermelho, a morte. No budismo shin japonês, a história dos três dragões: um azul, variação do preto, um branco, um vermelho. Até na moda: Cocô Chanel adorava um pretinho com bolas brancas e um cinto, um sapato, um lenço, alguma coisa vermelha.



VIAJANTE – Comecei a ficar duas, três semanas sem voltar, sem dar notícia. Depois, uma semana em casa, prestando conta, elaborando o itinerário seguinte.



PROFESSOR – Não é bonito?! Discutível, sim. Não é pra ser uma cronologia absoluta, sistemática, completa. É a minha sensação pessoal. Pra eles desenvolverem a sensação pessoal deles, o olhar deles.



ENGENHEIRO – Não posso usar termos da minha geração. Minha filha, bem informada, lúcida, discute. Acalorada, eloquente. Ergue a voz. Argumenta, vibrante. O menino lança só duas palavras. De uma violência... É bonito. Mas me sinto tolhido. Antigo. No meu tempo... no meu tempo se falava de patrulha ideológica. Hoje, patrulha outra vez. Pior. Hoje.



VIAJANTE – Era quando eu convivia com o menino.

ENGENHEIRO – Não se pode fazer o que fez o Ruy Barbosa que mandou queimar os registros da vinda de escravos e hoje a maior parte da população brasileira não tem como descobrir sua origem genealógica.



PROFESSOR – Não sei se o Paulo Herculano... não, não vou dizer o nome. Meu amigo maestro, ia concordar comigo, mas pra mim o barroco é ordem na paixão. É desejo de infinito, na música pela repetição.



ENGENHEIRO – Eu entendo os meninos. Tá certo, tem de mudar. A gente era machista, racista, misógino. E nem percebia. Mas não pode apagar a história. Era assim. Não dá pra mudar o que era. Tem de mudar o que é. O que vai ser.

PROFESSOR – Nas artes visuais pelo espelhamento: simétrico e oposto, como as duas mãos. Um espelho na frente do outro, repetindo até o infinito.

VIAJANTE – Comprei um velocípede pro moleque. Qual menino não gosta de uma bicicletinha? Ele rodopiava no jardim o dia inteiro no sol quente, um dia voltou pra dentro chorando.

ENGENHEIRO – Eu lamento, mas pra avançar no identitário tem de sacrificar alguma coisa. Que seja um samba ou outro.

PROFESSOR – Não explicitamente. Subjacente. No sentido da obra.

VIAJANTE – Tinha vomitado, perguntou: “eu não vou mais fazer aquilo?” Expliquei que não era nada, prometi que não ia acontecer de novo, troquei a roupa dele e voltamos pro jardim. Ele tinha que perder a impressão pra não criar medo. Aí, ele quis ultrapassar um murinho em volta do canteiro e batia a roda, batia a roda do velocípede no murinho. Falei: “não dá pra passar, filho, o murinho é alto, é impossível”. Ele ainda insistiu, eu deixei até ele cansar. Depois, passou três dias repetindo baixinho: “impossível, impossível, impossível”...

PROFESSOR – Conceitual demais, será?

ENGENHEIRO – A menina, pequena ainda, viu a mãe atender o jardineiro negro que tinha se cortado, sangrou muito, e concluiu. “Pai, por baixo da pele todo mundo é igual!” Outra dia, na mesa, ele ficou muito brava porque falei que a solução pro racismo seria a entropia, racial, a miscigenação total. Tem razão ela. Tem de lutar pra manter as diferenças, pra não se perder as distinções culturais. Tem de abolir é as distinções sociais, econômicas. Aprendi.

PROFESSOR – Na Holanda, o barroco tem dois gênios. Vermeer que também pinta gente comum. Mas o olhar dele é único: ele pinta o ar. A gente sente o ar entre o nosso olho e a cena. Não a luz, como os impressionistas depois. O ar! Transparente, invisível. Mas que dá pra sentir.

VIAJANTE – Elas arrumaram uma empregada. Menina ainda, muito bonitinha, o cabelo esticado pra trás, os peitos novos espetados por baixo da blusa sem sutiã. Estava com o pai doente numa cidade longe e eu arrumei umas amostras grátis.

PROFESSOR – Uma aluna me disse uma vez que não via ar nenhum, que ficava mais no assunto do quadro. Eu entendo, mas é justamente essa a questão. Nosso olhar de hoje, objetivo, ativo, apressado.

VIAJANTE – Quando o pai da menina sarou, veio agradecer, me trouxe de presente um leitãozinho.

PROFESSOR – Numa exposição do Vermeer em Amsterdam, vi uma menina com um aplicativo no celular. Ela lia a etiqueta na parede com o nome do quadro, ia

VERMEER
1632 - 1675





pro texto no aplicativo, passava pro outro quadro. Não olhava o quadro. O Vermeer vivo, ali na frente dela e ela só olhava a etiqueta e o celular! Precisa ter um tempo. Pra olhar *o quê* o quadro mostra. E *como* o assunto é mostrado. Isso é que norteia o olhar, a evolução do olhar. O *como*.



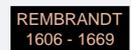
ENGENHEIRO – Homo sapiens já é fruto de cruzamento: homo rudolfense, homo erecto, homo neandertal, homo ergaster... Tudo humano. Com cultura, civilização. O sapiens dominou miscigenando. Deu na humanidade. Miscigena de novo: é o que será a humanidade.



VIAJANTE – O bicho ficou cevando no quintal, meu filho brincava com ele como se fosse cachorro. Num sábado, resolvi matar pro almoço de domingo. Já tinha feito isso em mocinho. Botei o menino pra ajudar, a mulher protestou, mas ele não negou fogo. Segurei o bicho, cortei o pescoço, ele segurou a bacia pra aparar o sangue, pendurei pelas patas da frente no varal. Quando abri a barriga e as vísceras saíram pra fora, ele vomitou. Chorou de raiva e me cobrou: “você falou que eu não ia mais fazer isso”. Decepcionou comigo, foi pra dentro, não quis mais saber. Mas na hora de comer, lambeu os beiços com o leitão pururucu que minha mulher assou, ela também sem reclamar.



ENGENHEIRO – O que será a humanidade?



PROFESSOR – O Rembrandt muita gente considera o maior pintor de todos os tempos.

VIAJANTE – Acho que foi Maria, minha cunhada, que era bem chegada numa sem vergonhice, que percebeu que se facilitasse eu papava a empregadinha, e mandaram a menina embora.



PROFESSOR – Essa história de melhor do mundo é uma bobagem. Cada um é um. E é único.



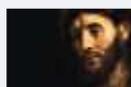
VIAJANTE – Só que eu já tinha comido. Meio depressa e desajeitado, em cima do tanque de lavar roupa, por trás, de cachorrinho. Mas era xixica, aquilo não contava. A menina foi embora sem abrir a boca porque eu tinha ajudado o pai dela.



ENGENHEIRO – Por mais eloquente, agressiva a discussão, meus filhos não me ofendem. Nunca. Uma travessa suja, um moletom pelo avesso machuca mais.



PROFESSOR – Na dureza da infância, me diziam que eu podia ser o que quisesse: médico, arquiteto, advogado. Mas tinha de ser o melhor: prêmio Nobel, ministro, louros, glória... Marcou fundo. Desde muito cedo. Uns oito, nove anos, a freira alemã professora de religião perguntou: “Quem querr serr padre lefanta



o mon.” Todo mundo levantou, menos eu. “Perr quê non querr serr padrre, menino?” E eu: “Prefiro ser papa.”

VIAJANTE – Aí, eu perdi a casa na mesa de jogo. Jurei que pagava, pedi um prazo. O cara até que esperou. Um dia eu chego, estava lá o credor sentado na sala, minha mulher que não sabia de nada, claro, chorando com o menino no colo, ele exigiu que eu entregasse a casa em 24 horas. Eu peitei, mandei minha mulher pro quarto com o menino. Assim que ela saiu, ele tirou o revólver e eu vi que não tinha saída. No dia seguinte, assinei os papéis, passei a casa pro nome dele e fomos morar numa pensão enquanto eu alugava alguma coisa. Eu só pensava em mim. Não percebia que a minha liberdade era liberdade de solteiro! Esquecia que tinha família.

PROFESSOR – Melhor do mundo ou não, o Rembrandt era foda. Mestre da composição: uma escada em caracol, símbolo do infinito na vertical: à esquerda, a luz do alto, do sol, começo da subida, ou fim da descida. À direita, a luz do fogo, abaixo da escada, na entranha da terra, começo ou fim. O filósofo medita na frente da porta fechada, do mistério. Quem zela pelo fogo é a mulher, na origem de tudo.

VIAJANTE – Dona Lazineira, a sogra, foi que achou uma casa boa, com jardim e quintal, alugou no nome dela porque eu estava com o nome sujo na praça, o laboratório tinha cobrado o dinheiro que eu desviei, eu não tinha pra pagar, me deram um pé na bunda e a indenização ficou pra cobrir o rombo.

PROFESSOR – Claro que essa leitura desse quadrinho quase do tamanho de uma folha de papel, é uma interpretação. Mas antes da interpretação, tem que analisar.

VIAJANTE – Eu estava fodido, mas a vida continua. Enquanto esperava outro laboratório me contratar, pinte a casa, consertei o que tinha que consertar. Pra vencer essa batalha tinha que enfrentar as três feras, três mulheres muito diferentes. Quem que aguenta um páreo desse? Como se eu tivesse três esposas mandando na casa e nenhuma na minha cama.

PROFESSOR – Análise é registrar as informações, os detalhes físicos do quadro, o primeiro momento, o primeiro olhar: escada, velho, mulher, fogo, porta fechada. Depois, a interpretação: faz paralelos, compara, junta coisa com coisa, interpreta com o vocabulário que cada um tem. Entende, sente. Aí que é importante ter referências.





ENGENHEIRO – Fizemos um rito de batismo na natureza. Fizemos. Quatro padrinhos cada: fogo, água, ar, terra. Igual batismo católico: sal, sopro, vela, água. Bonito foi. Nosso contato com o sagrado. Longe de religião instituída. Religiosos mesmo assim. Agnósticos.



VIAJANTE – Eu tinha que achar um jeito de ser o chefe da família. E achei que o jeito era meu filho.



ENGENHEIRO – Nenhum dos dois cristão. O menino, oito, nove anos, primeira vez na frente de um crucifixo policromado, maior que o natural, bonito, numa igreja barroca em Minas, perplexo, escandalizado: (*imita*) “por que fizeram isso com ele, coitado? Quem é esse homem?”

PROFESSOR – A técnica perfeita dos retratos do Rembrandt vão fundo na alma humana. Principalmente nos auto retratos. Uma autobiografia. Uma psicanálise permanente. Sem medo de olhar pra si mesmo, sem vaidade.

ENGENHEIRO – Erramos, acho. Talvez. Não sei. Não tem religião, mas os valores de convivência são cristãos. Bonito o evangelho.



PROFESSOR – Aí, o barroco na Espanha: Velásquez.

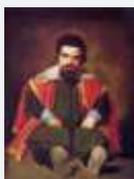
ENGENHEIRO – Não a besteirada que os evangélicos fazem do livro. Um livro de saber. Não de regras. Os mitos todos do velho testamento. Lições de vida igual mitos gregos. Tudo lá. Metafórico, simbólico. Não literal. Sistemas constituídos. Constituintes.



PROFESSOR – Também ele pinta gente. Do povo e da nobreza. A figura isolada na superfície do quadro, sem fundo ou quase, cria um distanciamento não realista, precursor do impressionismo.



ENGENHEIRO – A Bíblia a constituição do sistema do Deus único. Sistema aberto. A beleza é que é sistema aberto. Quando toma por sistema fechado estraga tudo. Vira lei. Regra rígida. Mecanicista, sem crítica. O rebanho obediente. Cultivo da ignorância.



VIAJANTE – Pra ensinar meu filho a nadar, achei que o melhor era como eu tinha aprendido: quem sai na chuva é pra se queimar. Ele quando viu a água, a cara acendeu. Dia de sol, piscina cheia, perguntei: “quer entrar?” Ele: “quero”. Ficou um tempão olhando o povo na água. Perguntei: “acha que sabe?” Ele falou: “sei”. “Então pula”, eu falei. Ele olhou mais um pouco e pulou. Afundou feito uma pedra, coitado. Puxei pra cima, segurei a cabeça dele fora da água, falei:



“então, acha que dá?” Meio engasgado, ele falou que dava. Soltei. Ele afundou de novo, mas bateu os braços, as pernas, conseguiu subir. No fim do dia, sabia boiar e nadar de cachorrinho. Ô orgulho!

PROFESSOR – A ironia do retrato do rei. Felipe IV. Do duque de Olivares. A ferocidade dissimulada do papa Inocêncio X. O alfaiate. O bobo da corte. O aguadeiro. A fritadora de ovos.



ENGENHEIRO – Minha mulher, ela... noiva do médico amigo meu de muitos anos, chegado em música clássica, me apresentou num concerto. Dez anos de um ou outro encontro raro pela vida. Dez anos... Concerto, exposição, festa de amigos comuns... A coincidência quando rompi os ligamentos do pé: ela me atende. Ali na fila, demorei pra reconhecer. Muito magra, apoiada no salto, girando o pé no ar, atraente. Muito atraente. Me reconheceu primeiro. Dez anos depois, primeira conversa de fato. Separada do médico, ainda magoada.



PROFESSOR – As Meninas. Obra prima do espelhamento de ângulos do barroco, quase cubista.



ENGENHEIRO – Por que essas lembranças fraturadas agora? Cacos. Passado de cacos. Mosaico. Caótico. Padrões, figuras. *Apocalypsis cum figuris*. Não. Não tão terrível. Mas de algum jeito sombrio...

PROFESSOR – O quadro que a gente vê, não é o quadro que o pintor tá pintando.

VIAJANTE – Resolvi: vou parar de beber. E caí no extremo oposto. Comecei a beber todo dia. No boteco.

PROFESSOR – Ele, o próprio Velazquez, pinta a si mesmo, um espelhamento, tá pintando o rei e a rainha, que aparecem refletidos no espelho lá no fundo.

ENGENHEIRO – Jamais pensei que a médica viria a ser minha mulher. Me engessou o pé, me convidou pro aniversário. Gente que eu não conhecia, 10, 15 anos mais novos, geração dela. Comida boa, vinho bom, música alegre. Sintonia, apesar da diferença de idade.

PROFESSOR – Quase todos olhando pra nós, espectadores, fora do quadro, no mesmo plano do rei e da rainha que se vê no espelho.

ENGENHEIRO – Segundo ela, decisivo foi recado na máquina dia seguinte: “como vai de day after?” Me respondeu. Saímos. Jantamos. Namoro de adolescentes. Tateando. Medo de se machucar de novo. Ela. Eu. Uma semana, duas. Primeira noite, falhei. Falta de treino. Medo? Talvez...

PROFESSOR – Um jogo de espelhos, de reflexos, que atravessa o tempo e o espaço. No qual nós, que olhamos o quadro também somos protagonistas.

VIAJANTE – Eu não entendia. O que que ela queria, a minha mulher?

ENGENHEIRO – E começou. Encontro, entendimento, sintonia. Minha mulher doutora... Ela coleciona momentos: o telefonema depois do aniversário. Momento decisivo. Banal. Poético. Confiança restaurada.

VIAJANTE – Minha mulher queria uma casa. Queria que eu ficasse mais com a família. Tava certo. Diminuí a bebida, parei com a jogatina, com a mulherada. Comprei a casa. O laboratório mesmo financiou porque ganhei prêmio: o caterpillar das vendas, o trator das vendas. Me deram uma viagem pra Argentina com acompanhante, hotel, passagem de avião, tudo pago. Troquei pela entrada da casa.

PROFESSOR – Primeiro estilo que se firmou no Brasil. O barroco. O Aleijadinho, em Minas Gerais, foi o Leonardo, o Michelangelo brasileiro, arquiteto, escultor.

ENGENHEIRO – Trinta e dois anos... União tardia. Fecunda. A filha desejada. Gravidez tranquila, plena. Relação criando raízes. Fundas. Profundas.

PROFESSOR – Nas igrejas dele, figuras tão simbólicas, esotéricas quanto as dos alquimistas das igrejas góticas. Ele entendia das coisas.

VIAJANTE – A compensação pra um homem cercado de mulher por todos os lados foi me apegar com a minha paixão de criança: voltei a criar canário. Cheguei a ter 22. Era aquela cantoria o dia todo. A gente foi até se aproximando. Com carinho. Acho que por causa da beleza do canto dos passarinhos, quem sabe.

PROFESSOR – Na de São Francisco em Ouro Preto, um escudo é exemplo de cultura, de estudo, de originalidade dele.

ENGENHEIRO – A intuição mais que de médica, em sonho: “uma fonte em torno de um cristal azul, dentro do cristal, outro, idêntico”.

PROFESSOR – Em vez da Santíssima Trindade, um Quadrângulo. Nossa Senhora, a mãe terra, a origem. Igual a figura alquímica da Sabedoria da catedral gótica. Sófia.

ENGENHEIRO – Sabia que era menina antes do ultrassom. O sonho confirmando, um sussurro ciciante na noite: “Cecília só precisa de uma pequena cela para descansar”. Mas não ficou. O nome. Cecília, igual pequena cega. Não ficou. Mu-damos.

ANTONIO FRANCISCO LISBOA
O ALEIJADINHO
1738-1814





PROFESSOR – Entre a terra e o céu, de um lado Cristo com a cruz, do outro Deus pai com o globo do universo. Os dois com a mão estendida pra Maria, pra base, pra origem de onde tudo vem. Sófia. E no alto o espírito santo.

VIAJANTE – Comprei uma bicicleta pro meu filho. Mais que ele, eu que sonhava com isso: botar ele andando de bicicleta. Primeiro dia, jardim do fórum, depois de umas voltas eu equilibrando a bicicleta, ele se virou, rodou sozinho! Era bom de equilíbrio, mas ruim de direção. Bateu de frente num banco de pedra do jardim, caiu montado no cano, em cima do saco, desmaiou de dor. Levei num médico amigo, não tinha afetado nada, mas tinha de fazer contagem de espermatozoide quando ele começasse a ejacular. Inda faltava tempo, eu ia ficar de olho. Estava tudo bem.

PROFESSOR – Maria em baixo, concreta, corporal, em oposição ao espírito santo, abstrato, ideia pura. Uma imagem da totalidade: em baixo a terra, no alto o fogo, entre um e outro Deus pai, criador, Cristo, deus e homem. Ar e água.

VIAJANTE – Eu viajava menos, ficava mais em casa. Vez por outra, quando a sogra e a cunhada não estavam, eu conseguia um carinho da minha mulher, a gente ia pra cama. Via que ela gostava de mim. Amava. A gente sente quando tem amor. Mas ao mesmo tempo sentia que era meio como se ela não quisesse gostar, de se entregar pra mim. Eu achava que era por causa da mãe e da irmã dentro de casa. Quando falei com ela, ela chorou, falou que não podia mandar as duas embora, não tinham pra onde ir. Falei que elas tinham salário, podiam alugar uma casinha perto. Ela prometeu que ia pensar.

ENGENHEIRO – Cinco anos de hesitação. Almoço, praia, a doutora: “sinto que falta alguém na mesa”. Acordo suado, verão, ela não está na cama. Sentada na sala escura: “senti uma presença forte entrar em mim. Calado, determinado, forte.” Sabia que era menino antes do ultrassom. A gravidez inteira Felipe. Mas não ficou. O nome. Da moda, três no mesmo dia mesmo corredor na maternidade. Não ficou. Mudamos.

VIAJANTE – E decerto que falou com as duas. Porque elas viraram a cara pra mim, não conversavam mais, na mesa era aquele silêncio. Nenhuma se interessava quando eu contava alguma coisa que tinha visto em viagem, uma cachoeira, uma praça bonita, um fármaco novo que fazia bem.



FRANÇOIS BOUCHER
1703 – 1770

PROFESSOR – A frivolidade do Rococó. O Boucher descarado: três retratos da amante do rei, Madame Pompadour, quase idênticos.



VIAJANTE – Só que eu tinha a vocação de estragar o que estava quieto. Voltei pra rinha de briga de galo, que era forte na cidade, se apostava alto, rodava muita grana. Não demorou, além dos canários cheguei a ter oito galos de briga. Tudo galo índio. De peito e coxa pelados. Nunca nenhum matuca, que arrefece diante do rival. Tudo papilheiro, atacava a papilha até o rival ficar tucado. Desde a guerra era proibido. O Getúlio proibiu. Mas era bonito demais.



PROFESSOR – Sensualidade aberta da corte francesa dos Luíses.



VIAJANTE – Minha sogra e minha cunhada reclamaram que os galos cantavam de manhã, que eu deixava a roupa suja no chão do banheiro, que eu acordava de noite pra fumar, que eu mijava na água e fazia barulho, tinha de mijar no ladinho da privada.



PROFESSOR – Sensualidade dissimulada, mais insinuante no Fragonard.



VIAJANTE – Ah, foi a gota d'água, eu estourei. Falei que se elas não estavam contentes podiam ir embora, levar a vida delas e deixar a gente sossegado. Minha mulher defendeu a mãe, a irmã. Eu fiquei danado, ergui a voz, dei um murro na mesa, quebrei a jarra, berrei mesmo. Meu filho assustou, começou a chorar. Gritei com ele também.



FRAGONARD
1732 - 1806

PROFESSOR – No balanço bucólico não é pro sapatinho que voou que o pretendente no mato está olhando.



VIAJANTE – Saí. Enchi a cara no botequim. Fui pro puteiro, mas nem trepei. Fiquei zanzando de uma casa pra outra, as meninas me recebendo bem, uma cachaça em cada mesa.



PROFESSOR – E na intimidade não precisa muito pra ver o que deixa a moça alegre: o rabinho do pet muito bem localizado.



VIAJANTE – Voltei de madrugada, trançando as pernas, pronto pra brigar mais. A casa quieta, escura. Minha mulher deitada, mas acordada. Tirei a roupa, tentei abraçar ela por trás, de colherinha, de repente me subiu uma golfada, vomitei no cabelo dela, rapaz. Ela não falou nada, levantou, foi se limpar. E eu apaguei.

ENGENHEIRO – Memória. Coisa curiosa. A memória. Trinta e dois anos... Fragmentos inesperados. Ad libitum. Caóticos

VIAJANTE – De manhã, a casa vazia, um bilhete em cima da mesa. Minha mulher estava na casa da minha família. Estranhei porque ela nem era mais tão amiga da Lila. Cheguei lá, ela já tinha saído. Achei que ia ouvir um sermão da mãe, das

irmãs. Mas não. Fizeram festa pra mim que não aparecia lá fazia tempo. Falaram que meu filho estava lindo, que parecia comigo. Tudo normal. Até a hora de ir embora.

PROFESSOR – Acho que o neoclassicismo é o momento em que o realismo da pintura se fixa como linguagem.

VIAJANTE – Lila me puxou pro quarto, falou que minha mulher não tinha falado nada, reclamado de nada, mas que estava na cara que estava muito triste. “Você tá jogando? Tá bebendo? E a mulherada?” ela falou pra mim. “Sua mulher é mãe do seu filho. Você não seja um canalha.” Eu calei.

PROFESSOR – David, Ingres... o compromisso com a fidelidade ao reproduzir a realidade chega a neutralizar qualquer individualismo.

VIAJANTE – Solidão. Uma puta solidão.

PROFESSOR – Eles pintam dem demais.

VIAJANTE – As três brigavam entre elas, cobrança pra todo lado, não era nenhum mar de rosas. Mas não desgrudavam, ela e a irmã feito irmãs siamesas, a mãe controlando as cordinhas.

ENGENHEIRO – Minha carreira longa, profícua. O ideal meu. E dela: mais liberdade com a aposentadoria. Viajar.

VIAJANTE – Eu só respirava quando estava viajando. Era o jeito de escapar do tormento. Parei de me preocupar. Fiquei quase três meses longe, sem dar notícia. Telefone era raro, a gente nem tinha em casa.

PROFESSOR – Não pode aparecer nem o traço do pincel, nem o volume da tinta, a tela tem de ser lisa, perfeita. Nada pode ficar entre a superfície da tela e o olhar do espectador.

ENGENHEIRO – Vida mais sossegada, sem as obrigações do mundo. Mas a crise... Não conseguiu aposentar, a esposa. Doutora. Três, quatro dias por semana plantão no hospital. Profissão liberal tem pelo menos essa vantagem.

PROFESSOR – A composição é sempre um pouco rígida. Até nos nus femininos a sensualidade, o erotismo é contido, como se fosse “deselegante” qualquer entusiasmo.

VIAJANTE – Eu mandava dinheiro quando lembrava, por algum colega viajante que estava voltando pra minha cidade. Essa era a vida. Eu pelos hotéis, pelos puteiros, pelas mesas de carteados. Em casa, as três mães e o filho. O filho meu. Único.



DAVID
1748 - 1825



INGRES
1780 - 1867





ENGENHEIRO – Os filhos na idade de sair, começar vida própria. Aluga apartamento, com a crise não dá pra pagar. Volta pra família. A vida dá um limão faço uma limonada. Botamos nossa casa pra alugar, grande demais pro casal sozinho e aí sonhei passar o que me resta de vida convivendo aqui com os filhos, com a família. Em harmonia.



VIAJANTE – Quando voltei, minha mulher tinha perdido a mansidão. Era uma fera, dura, brava, decidida. Estava grávida. As três tinham brigado por uma bobagem de mulher, não entendi direito, a irmã queria a tesoura, minha mulher estava usando, a irmã insistiu, ela se encheu o saco jogou a tesoura com força. A outra disse que tinha tentado matar ela, a sogra tomou partido da caçula, as duas se mudaram. Sozinha, sem dinheiro, ela não podia trabalhar, porque eu não deixava, era vergonha mulher casada trabalhar fora, porque o marido não era capaz de sustentar a casa.



PROFESSOR – Tudo pra agradar a aristocracia, a classe dominante.



VIAJANTE – Eu era capaz.



PROFESSOR – Não que os artistas não tenham sempre dependido em alguma medida dos ricos e poderosos. Mas depender deles e servir a eles é bem diferente.



VIAJANTE – Mas só dava mancada, esquecia de mandar grana. Ela vendeu rádio, jogo de panela, um móvel ou outro, o faqueiro de prata. Parou de tratar dos galos. Ela e o menino comiam os que iam morrendo de fome.



O Engenheiro espalha muitas meias sobre a bancada.

ENGENHEIRO – Desejo de cooperação, coesão. Trabalho conjunto. Sinergia.

VIAJANTE – Quando não tinha nem galo pra comer, o menino ia brincar na casa de algum amigo na hora do almoço, da janta. Vergonha.

ENGENHEIRO – Olhando um monte de peças separadas não dá pra entender o sistema que é um carro. Tem de entender como as várias partes do sistema interagem: si-ner-gi-a. O que faz o sistema funcionar direito. *(conta os pares de meias espalhados sobre a mesa, desiste de dobrar)* Sessenta e três pés d meia. Trinta e dois pares. E meio. Vinte e oito camisetas. Caos. *(soletra)* En-tro-pia. *(e joga todas as meias no cesto de volta)* Desordem, falta de sinergia, o sistema para de funcionar.



PROFESSOR – O Delacroix mergulha de cabeça no arrebatamento romântico. As linhas e ritmos pra dirigir o olhar de quem vê dissimulados no redemoinho dos detalhes, no turbilhão sensual das figuras.

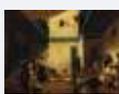
Engenheiro vai saindo com o cesto.



ENGENHEIRO – Sistema que se realimenta é dinâmico. Autorregula, evolução permanente. Se não realimenta, sistema desaparece. Desapareço. Eu. Ou eles. Não se estuda os órgãos e células. Se estuda o animal como um todo. Um sistema. O arranjo entre as partes que funcionam organizadas. (*sai*)



PROFESSOR – Ele liberta a superfície do quadro da obrigação de ser perfeita. Dá pra ver as pinceladas, o gesto do artista. Ainda discreto perto do que os impressionistas vão fazer depois.



VIAJANTE – Ela já estava com uma barriguinha, mas magra feito pau de virar tripa. Mandou eu desmanchar as gaiolas e esquecer de criar galo. Se eu sumisse de novo, quando voltasse ela não ia estar em casa, arrumava um emprego, ia embora com o menino.



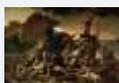
O Engenheiro entra com um liquidificador, já falando. Coloca sobre a mesa, liga na tomada do chão, gira o botão, não funciona. Tenta de novo e de novo e de novo. Pega a chave de fenda do bolso do avental, abre o aparelho, com bastante tranquilidade desmonta e remonta enquanto fala.

ENGENHEIRO – O transístor na central telefônica não dá informação sobre o sistema, mas se ele falha, altera a rede. Na rede moderna, o sinal passa direto pra outro circuito.



PROFESSOR – O Géricault segue na mesma direção. Com gesto ainda mais livre na superfície da tela.

VIAJANTE – No fundo, admirei o orgulho dela de não ter pedido socorro pra mãe e pra irmã e enfrentado a dificuldade sozinha. Ela era mais forte que eu. Eu fui fraco. Não podia aceitar essa derrota, tinha de ser macho, encarar a dificuldade, ser o chefe da família.



ENGENHEIRO – No cérebro também, se eu sofro AVC numa área, outra área desenvolve a capacidade dela.



VIAJANTE – Comprei tudo novo o que ela tinha vendido. No trabalho, eu fazia só a minha praça e as cidades a uma hora, hora e meia de carro. Depois da janta, punha meu filho pra dormir, ouvia as aventuras dele na escola, bom aluno, inteligente. Escutava rádio com ela, a novela depois do repórter Esso, algum programa de música. Ela acabava dormindo, eu ajudava a ir pra cama. A barriga incomodava, foi ano de muito calor, eu dormia no sofá.



ENGENHEIRO – Estudar um sujeito não mostra o estado da população. Todo mundo devia estudar teoria dos sistemas.



VIAJANTE – Quando ela dormia, eu ia pro boteco, de vez em quando pro puteiro, porque ela, claro, não queria saber de mim. Mas no mais ia mesmo era na rinha. Às vezes, quando acordava, meu menino estava dormindo do meu lado no sofá. Ô coisa boa!



ENGENHEIRO – Serve pra todos os campos da vida. Isomorfia. Pra engenharia, medicina, computação, ecologia, administração, termodinâmica, IA, redes neurais, modelagem, esporte, turismo, pedagogia...



VIAJANTE – Uma noite, perdi a hora na rinha, vem o leão de chácara me chamar que minha mulher estava na porta. Mulher não podia entrar na rinha. Foi aquela zoeira de gozação porque a mulher veio puxar minha orelha. Dei risada com os amigos, mas fiquei injuriado. Saí puto, pronto pra fechar o tempo com ela. Mais de meia noite, escuro que era um breu na rua, a mulher com meu menino pela mão, na porta da rinha, um casacão listado em cima da camisola molhada, tinha rompido a bolsa e ela veio a pé, já em trabalho de parto, pedir socorro. Eu queria morrer de remorso. Botei ela no carro, meu filho deitado no banco de trás.



ENGENHEIRO – Ser vivo é sistema aberto. Troca matéria, energia, informação com o ambiente.



PROFESSOR – O Courbet vai mais longe no abandono da técnica acadêmica. Cenas do dia a dia com a grande dimensão que usavam antes pra cenas religiosas, mitológicas. Faz paisagens, livres de assunto humano. Também é chegado num auto retrato. No estilo, a mesma busca de liberdade do romantismo. Na vida, dizia que era “republicano de nascença”, participou da Comuna de Paris. Fundador do realismo francês: “só pinto o que eu vejo.” E o que ele vê? *A origem o mundo.*





VIAJANTE – Foi outra cesárea. Dessa vez de emergência. E a criança, não resistiu. Não resistiu. De manhã, meu filho acordou, queria ver o bebê, tive de contar que tinha ido pro céu em vez de vir pra este mundo. Choramos juntos. A sogra e a cunhada voltaram pra casa. A família de luto. Era tudo silêncio. Até o canto dos dois canarinhos que sobraram era sacrilégio, falta de respeito com a dor. Incomodava.

GOYA
1746 - 1828

PROFESSOR – Na Espanha, o Goya teve um processo parecido. Dominava o estilo acadêmico, chegou a pintar 14 retratos da aristocracia em um ano. Na tradição de Velazquez, os retratos da realeza implacáveis: a fraqueza humana por trás da majestade. Também ele tinha um espírito político, libertário. Chocado com as guerras napoleônicas, gravuras poderosas, *Os horrores da guerra*. Talvez eu devesse me estender mais sobre a divisão em escolas: neoclassicismo, romantismo, realismo. Mas pra que eles precisam saber disso? É bem arbitrária a história da arte. Gosto mais do que dizia o Mário de Andrade, que tudo se resume a uma alternância entre romantismo e classicismo. O classicismo, racional, ordenado, amarra com regras, o romantismo rompe com tudo pela emoção, pelo arrebatamento. Mas nem tudo se encaixa nessas divisões. Nem nessas do Mário.

VIAJANTE – Sempre fui bom de copo, mas acho que nunca bebi tanto. Fumava dois, três maços de Lincoln por dia, quando estava com a cabeça clara ensinava o menino a dobrar os maços verdes pra fazer uma trança, depois emendava uma na outra, fazia cestinha pra ele agradar a mãe, tentando um consolo que eu não conseguia.



PROFESSOR – Com as mulheres o Goya foi mais tolerante. A maja desnuda. A mulher nua não é nenhuma figura mitológica, meio coberta. Deitada bem folgada, à vontade, com os pelos púbicos à mostra. Parece que o corpo dela é que ilumina a sala. Escândalo. Conta a lenda que mandaram pintar roupas nela. Esperto, em poucos dias fez outro quadro A maja vestida. Como é que engoliram que ele tinha pintado roupas em cima da maja nua eu não sei... é só olhar que os dois quadros são bem diferentes.

ENGENHEIRO – $E=mc^2$. Energia igual a matéria em movimento. Matéria em movimento igual a energia.

MONET
1840 - 1926MANET
1832 - 1883

PROFESSOR – A invenção da fotografia no século dezenove: fator importante pra liberar a pintura da obrigação de reproduzir a realidade enquanto tal. Além do assunto, a pintura expressa a sensação, a “impressão” do artista. 1872. Impressionismo. Impressionista. *Impression*, o quadrinho do Claude Monet inaugura a arte moderna, rompe com o realismo. Meio radical dizer isso. Não é assim tão simples. Depois eu vejo.

VIAJANTE – Minha sogra e cunhada mal olhavam pra mim. Eu sentia que estava fedendo suor, álcool, roupa suja, meia suja. Parei de comer. Só bebia, bebia. Puta solidão.

PROFESSOR – Um quadro é um quadro. Não uma janela pro mundo, um “retrato” da realidade. É uma realidade bidimensional autônoma. Mais que a coisa em si, interessa é a “sensação” da coisa. O artista faz sentir o clima. Não pinta coisas. Espalha a cor, o volume da tinta na tela de um jeito que vira a visão dele, a impressão dele. E da gente. Se a gente se deixa envolver, mergulhar nesses... auto retratos.

ENGENHEIRO – Interrelação, integração, conjunto de partes que formam um todo em que cada elemento é um sistema. Sistema é mais que as partes funcionando independentes.

PROFESSOR – Cada quadro é um auto retrato. Dá pra ver o gesto do artista. A independência do real faz um mergulho mais fundo no real. Desmonta a realidade. Vermeer pintava o ar, os impressionistas franceses pintam a luz. O Monet plantado na frente da catedral de Rouen. 30 telas. Mais até. A cada hora do dia, em cada estação.

ENGENHEIRO – Por que é tão difícil de entender? Qualquer conjunto de partes é sistema: este aparelho aqui, ou um faqueiro: o garfo, a faca, a colher...

VIAJANTE – Tive de ir pra capital, acertar as contas. Pela lei tinha uma puta grana pra receber, mas a maior parte do dinheiro das vendas eu tinha perdido no cartado, descontaram tudo de uma vez, saí com uma mão na frente outra atrás.

PROFESSOR – Depois o Manet.. Sempre a simplificação. Retratos sem detalhes no fundo. Figuras soltas na tela. O foco no humano, não no entorno, um olhar pessoal pro mesmo mundo, visto por outro olho, outro homem, outro eu.

VIAJANTE – A fama de caterpillar das vendas não me valeu, voltei pra casa desempregado. Vendi a casa. Voltou tudo como era antes: a sogra e a cunhada morando junto, uma casinha de aluguel atrás da outra.



ENGENHEIRO – A família... Não dá pra entender só olhando as partes. Analisar as variáveis. Todas. Não é uma máquina. (*indica o liquidificador*) Isto aqui é máquina. Mecânica. Não tem variável. Liga, desliga. Funciona, não funciona. Leis. Imutáveis. Família é quântica. É e não é. Ao mesmo tempo. Tudo ao mesmo tempo.



PROFESSOR – A luz da *Olympia* que brota do corpo dela, igual a Maja do Goya. O gato, a criada negra.



ENGENHEIRO – Me confunde o rancor... Não. A violência, a raiva que eu sou capaz de sentir... Mulher e filhos. Raiva como? Muita raiva. Muita. Não me eximo da situação. Culpa minha também. Mas minha parte... Eu faço. E a parte deles também. É muito. Demais. Quem fica equilibrado se é desvalorizado? Não dão valor. Não dão.



PROFESSOR – Eu sei que vai ter uma cobrança: não tem arte negra nessa cronologia. Tem pouca arte do Brasil, da América Latina. Não tem mesmo. É mais europeia que qualquer outra coisa. É um recorte do olhar ocidental. Que me formou. Incompleto. Pessoal.



ENGENHEIRO – Que porcaria de vida eu fiz pra mim? Que porcaria! Último que vai pra cama, primeiro que levanta. Claro, com a idade se dorme menos... Picado. oneca na TV depois do almoço. Último pra cama pelo sossego: jogo paciência, leio, vejo um filme, uma série... Sozinho.



PROFESSOR – Se eles assimilarem o processo de olhar, podem buscar o que acharem que falta. O importante é essa crônica de um tempo que eu duvido que eles tenham acessado. Com uma linha do tempo. Incompleta que seja. Que é. Essa evolução dos costumes, das roupas, dos valores no Ocidente. A crônica da época nos retratos, nos ambientes da Berthe Morisot. A grande dama do impressionismo. Mulher do Manet. Estilo próprio. Independente. Poucas mulheres. Preciso revisar. Depois. Depois. A Clara Paeters também. Depois procuro mais. Anita. Tarsila.



ENGENHEIRO – Separo o que vai se comer no dia seguinte. Nos dias de hospital, minha mulher despenca de sono depois do jantar. Deita no meu ombro no sofá. Conta como foi o dia. Não aguenta meia hora de TV. Me beija, vai pra cama. Às vezes, as crianças...



BERTHE MORISOT
1841 – 1892



PROFESSOR – A vida da burguesia do Renoir.



RENOIR
1841 - 1919

ENGENHEIRO – As crianças... Chegam da faculdade. Uma conversa, outra. Meu menino senta comigo. Vê um filme. Um pedaço: sempre dorme no meio.

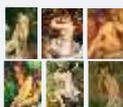


PROFESSOR – As moçoilas de carne branca, inocentemente nuas, a mesma mistura de inocência e sexo da Brigitte Bardot, da Marilyn Monroe. Da Sônia Braga. Será que eles sabem quem são?



ENGENHEIRO – Desinteresse. Ou cansaço. Não importa. Me dá gosto. Olho minha filha curvada no celular, no laptop, o menino dormindo a meu lado.

PROFESSOR – O erotismo disfarçado da evidente preferência por lolitas bailarinas do Degas.



ENGENHEIRO – E tem plenitude.

DEGAS
1837 - 1917

PROFESSOR – Eu tenho de ser objetivo, mas gostar não consigo gostar do Renoir e do Degas. Levinhos. Bonitinhos, falta drama. É muito subjetivo, implicância minha, mas sinto que mais que a questão do quadro eles processam é suas questões pessoais. Ou melhor, não processam. Transparece apesar deles. O drama não aflora. Subjacente demais. Mas é bonito, admito. O Degas, mais que o Renoir. Ainda tenho de aprender esses dois.



ENGENHEIRO – Onde aprendi que inhame se descasca com colher? E quando isso passou a ser relevante pra mim? Parece improvável. Mas funciona. Descascar inhame com colher. E gengibre também. Sempre melhor ralado que picado, pra quebrar as fibras.

TOULOUSE-LAUTREC
1864 - 1901

PROFESSOR – Cronista genial da virada do século, da Belle Époque, Lautrec. Conde Henri de Toulouse-Lautrec. Filho de um casal de primos em primeiro grau, doença genética de nascença, pernas atrofiadas, torso normal. Homem com pernas de criança. Sucesso nos cabarés e bordéis da virada pro século vinte.



ENGENHEIRO – Minha mulher reclama que eu não termino as frases. Todo mundo esperando o que vou dizer. Ocupa demais. Dá nos nervos. Se soubesse que eu falo sozinho...

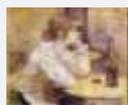


PROFESSOR – Talvez quem mais influencia o espírito da época. Pós-impressionista.

ENGENHEIRO – Meus filhos agora reclamam que eu faço barulho para comer.

PROFESSOR – A arte não era mais patrocinada pelos nobres, pela igreja. Era produto de consumo. A litografia permitia a reprodução em massa. Colorida.

ENGENHEIRO – Me botem num asilo então. Me deixem em paz.



PROFESSOR – Sem preconceito, Lautrec fazia cartazes pra shows, bares, cabarés. Principalmente o Moulin Rouge, tinha cadeira cativa, onde La Goulue, a Gulosa, inventou o cançã. Dizem as más línguas, dançado sem calcinha.



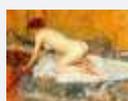
VIAJANTE – Quando perdi minha terceira casa, a vida foi só ladeira abaixo. Voltei a viajar pra laboratório pequeno, não ficava sem emprego, mas não era mais campeão de venda. Me afundei na bebida, no cigarro, a mulherada...



PROFESSOR – As cenas de bordel pra mim são o melhor dele. Erotismo mais explícito. Nunca vulgar. Atmosfera única. Desenho impecável. Pincelada ainda mais ousada que os impressionistas.



ENGENHEIRO – Quando podia imaginar que na velhice... Os meninos... Me irritam. Às vezes. Não sempre. Porque eles... É um descaso! Serviço doméstico é inferior. Não merece tempo, não merece esforço. A voz da bagunça é “alguém faz pra mim”. Quem? Papai. Eu.



VIAJANTE – Meu filho tinha 12 pra 13 anos, um bigodinho começando a escurecer, roubava cigarro do meu maço, eu fingia que não via e não contei pra mãe.



ENGENHEIRO – E ao mesmo tempo... Os dois realizaram os... Sou um analfabeto musical. Não tenho memória, desafino. Sou capaz de fruir, Bach me emociona, Vivaldi, os barrocos... Mas não... E ele, o menino, é músico. Me realiza. Não. Eu me realizo nele.



VIAJANTE – A molecada da vizinhança ficava na rua de tardezinha, depois do banho.



ENGENHEIRO – E a menina, designer, realiza meu amor por artes plástica. Desenhar, não desenho mais que boneco de pauzinho. Gostar, gosto. Os impressionistas principalmente. Uma hora no museu me refaz. E ver o que ela cria no computador, agora sem mídia física, nem tinta, nem pincel, só luz direta... Eu me realizo nela.



PROFESSOR – Primeiro pintor de “arte moderna”. Precursor dos quadrinhos. Do Pop.



VIAJANTE – Veio a moda do bambolê, as meninas rodavam aquilo que era uma maravilha, desafiavam os meninos, nenhum se atrevia.



ENGENHEIRO – É. Não posso reclamar.

PROFESSOR – Citar Walter Benjamin aqui? Eles gostam de citação de autores “importantes”. Acham chique. E o Benjamin é interessante: a perda da aura de sacralidade da obra de arte, a massificação, o consumo. Não... Não sei se eu quero enveredar por essa área.

VIAJANTE – Um dia, na porta do boteco em frente de casa que eu chamava de sucursal, tomando uma cerveja, eu vejo o pessoal rindo com malícia, com cara de gozação.

PROFESSOR – O salto ousado do Cézanne.

VIAJANTE – Olhei lá fora, meu filho tinha aceitado o desafio. Rodava aquela roda que parecia de circo. Me admirou, porque ele era bom, muito bom. E girava de um jeito que não era de mulher. Mas não gostei.

PROFESSOR – Também chegado numa série, não dá nem pra calcular quantas vezes o Cézanne pintou o monte Santa Vitória. Dá pra estudar o progresso do olhar dele, da desconstrução do realismo na série dos últimos anos.

VIAJANTE – Não gostei. Lembrei do tombo da bicicleta, levei pra fazer contagem de espermatozoide. O moleque ficou injuriado de ter de tocar punheta no laboratório, mas repartiu o meu orgulho quando saiu o resultado: 62 milhões de espermatozoides, tudo normal.

PROFESSOR – Reduz os elementos a figuras geométricas. Não importa mais pintar a montanha: pinta os blocos de cores. Como grandes pixels: de perto borrões, no conjunto, a paisagem. Não importa a perspectiva. Num mesmo quadro, uma natureza morta, a vontade de ver cada objeto de um ponto de vista diferente.

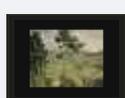
ENGENHEIRO – Mas o rolo de papel higiênico na beira da privada!... O bilhete que eu fiz: “O que vocês têm contra a ideia do papel no suporte?” surtiu efeito, botaram no rolinho. Não sei quem. Mas guardei pra próxima vez. O bilhete. Vai ter próxima vez. Claro.

PROFESSOR – Só a vontade ainda. Precursor do cubismo. Cézanne antecipa tudo o que vem depois. Até hoje.

VIAJANTE – Mas eu estraguei tudo, numa hora tão importante. Chamei o menino pra uma conversa. Não falei nada do bambolê, mas disse que ia ensinar ele a andar como homem...

ENGENHEIRO – Os amigos deles deitados nos sofás, vendo televisão, à vontade, de meia sem tênis, sem camisa no calor, debaixo da colcha da TV no frio. As *demoiselles d'Avignon*, *As banhistas* do Cézanne: no meu tempo... De novo... No meu tempo: se entrasse o pai, a mãe, a gente sentava direito, levantava... Mudava de atitude. Não era hipocrisia.

VIAJANTE – Foi assim que comecei a perder meu filho.



ENGENHEIRO – Era o quê? Respeito? Polidez? Não fico chocado. Não sou repressor. É assim que é agora. Gosto de ver os filhos integrados, cheios de amigos, nossa casa a casa deles, mas... Não me incomoda. Me intriga. Sou um homem liberal.

PROFESSOR – Van Gogh é um caso à parte.

VAN GOGH
1853 - 1890

ENGENHEIRO – Liberal: mais uma consciência.



PROFESSOR – Impressionista não. Expressionista. Irmão da natureza, do céu estrelado, das tintas. O volume da tinta, a cor, tão importante quanto a figura. As naturezas mortas, as paisagens, os interiores, os objetos. Os retratos.



ENGENHEIRO – De onde vem a raiva durante o dia? Trabalho doméstico? Desorganização? Displacência? Desdém? Humilhante. Muita raiva. Indigna de pai pra filhos, esposa. Indigna pra mim mesmo. Hábitos detestáveis. Detestáveis. Destrutivo demais, o rancor. Demais. Além da conta. Eu não entendo. Como tanta raiva convive com amor? Como? Confuso. Amor e rancor no mesmo sistema. Eu. Patético.



PROFESSOR – Sobretudo os autorretratos. Quem é esse homem? ele se pergunta. Quem é o homem?



ENGENHEIRO – Confuso pra mim a convivência desses extremos. Os dois são eu. São e não são. Ser ou não ser. Não. Ser E não ser. É e não é. Eu devia escrever um livro. “Ser *E* não ser.” Subtítulo: “A teoria dos sistemas no lar.” Não. “Ser *E* não ser. O gato de Schrödinger”.



PROFESSOR – Quem é o ser humano?



ENGENHEIRO – Ninguém vai entender. Quem conhece a história do gato do Schrödinger morto e vivo dentro da caixa ao mesmo tempo?



PROFESSOR – A partir dos impressionistas eu sinto menos vontade de conduzir o olhar deles. Já é tudo mais contemporâneo. Ou não? Quem sabe para mim. Não pra eles. Acho que já devem ter assimilado um outro olhar. Precisam aprender a calma. Não a informação. A sensação. Parar e olhar.

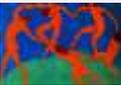


ENGENHEIRO – “A física quântica em família”.

PROFESSOR – Olhem!



ENGENHEIRO – Não. Melhor “Ser E não ser – O princípio da incerteza”.

Matisse
1869 - 1954

PROFESSOR – O que em Cézanne era vontade de juntar perspectivas, Matisse realiza, leva até o fim. Fauvista. De *fauve*: fera. Pela ferocidade das cores puras. Reação ao impressionismo. O ritmo. A simplificação. A linha pura, segura, traço de criança com olhar adulto, refinado.

VIAJANTE – Nada saía do jeito que eu queria. Quem sabe eu não queria. Não sabia mais querer. Só ia indo no rumo perdido que escolhi. Acho que eu não escolhi. Esse que era o problema. Só fui indo pra onde a vontade me levava. Vontade não, desejo. Foi um médico padre que me disse isso. Já mais velho, viúvo, os filhos crescidos, entrou pra igreja. Levei amostra de algum produto novo, ele me viu por dentro, médico do corpo e da alma, me falou: “Só força de vontade que vence o desejo. Vontade e desejo não são a mesma coisa.” Tardei pra entender. Talvez demais.

ENGENHEIRO – Tudo incerteza. Como a situação chegou nisto? Começo bonito, divertido, alegre. Eu pretendia... planejava anos serenos, harmonia. Sem distribuir funções, animação do apartamento novo, todos em tudo. Aí, o mundo chama, o tempo privado encurta. Privado não, familiar.

VIAJANTE – Perdi. Definitivo. O meu filho.

ENGENHEIRO – Eu ria quando a cozinha no dia seguinte era uma Guernica. Pra eu arrumar. Na terceira Guernica em seguida, estava mudando, claro. Minha função se definindo.

VIAJANTE – Não deu tempo de desfazer a cagada porque no dia seguinte, no boteco, senti um coice no peito, o braço dormente, um suor frio que me colou a roupa no corpo, feito se tivessem me jogado uma bacia de água, voltei pra casa, meu filho que me recebeu na porta, me ajudou a deitar. Era o enfarte.

PROFESSOR – Picasso. Os blocos de cor geométricos do Cézanne, a abolição da perspectiva de Matisse vão dar no cubismo. A vontade de pintar os objetos de todos os ângulos, num mesmo plano. Sem compromisso com a aparência natural das coisas. Fim do preconceito da beleza clássica. A busca de outras belezas. As máscaras africanas. Guernica.

ENGENHEIRO – Papai fica em casa, dá conta. Está super em forma. Estou. Mas não pra isso. Não pra isso.

PROFESSOR – Picasso mais que um pintor: um movimento artístico completo, sozinho. Pintura, desenho, gravura, escultura. Nunca abandonou a figuração. A busca

do traço infantil. Experimenta, experimenta, experimenta. Absoluta liberdade, assimila tudo, TUDO o que veio antes. Precursor de tudo o que vem depois. Sabe exatamente de onde veio e abriu o absoluto que pode vir depois. Convulsão.

VIAJANTE – O médico amigo logo trouxe um cardiologista. Naquele tempo, 1958, tinha poucos, a cardiologia era especialidade recente no Brasil, por sorte eu conhecia o doutor.

ENGENHEIRO – Tem casais que é tudo separado, cada um com seu ganho, sua conta, seus gastos, despesas comuns divididas. Infinitas possibilidades, o arranjo de casal. Aqui não. Tudo junto. Conjunto: ganho meu, ganho dela, uma conta só. Conjunta.

VIAJANTE – Ele mandou minha mulher ferver três seringas. Aplicou uma atrás da outra, na veia: dolantina pra tirar a dor, quinidina e procaína pra impedir a arritmia. Eu conhecia todos e ele ia aplicando e contando pra mim o que era. Eu só não conseguia responder nada, só balançava a cabeça.

PROFESSOR – Como será que eles vão enxergar o modernismo? A solidão intrínseca do americano Edward Hopper, mais que a solidão do indivíduo, a solidão nacional de um país individualista, materialista, suspenso num ritmo alucinante que não aparece nos quadros. Está antes e depois deles.

ENGENHEIRO – Família dela... Contrário da minha. Abastada. Não rica. Nunca carente. Pai funcionário público. Homem íntegro. Exemplar. Cabeça aberta. Sem preconceito. Atualizado. Prático. Bom administrador. Pequeno investidor de visão.

VIAJANTE – Um mês inteiro na cama, sem sair nem pra ir no banheiro. Ela esvaziava o penico, me dava banho com a toalha, ficava do quarto pra cozinha, da cozinha pro quarto. Do meu lado sempre que dava.

PROFESSOR – Anita Malfatti no Brasil. A moça de família italiana convencional que foi pra Europa e pros EUA estudar pintura. Voltou genial, única, original. Foi massacrada por Monteiro Lobato. Ele escrevia bem, mas pintava mal. Caiu de pau na Anita: “Paranoia ou mistificação” falou da primeira exposição dela. Ela nunca mais foi a mesma. Quem não deixou ela desistir foi o Mário de Andrade. Sempre o Mário. Ele e a outra pintora modernista: Tarsila do Amaral.



HOPPER
1882 - 1966



ANITA MALFATTI
1889 - 1964





VIAJANTE – Foi o tempo que minha mulher foi mais desvelada. Depois, mais um mês ela me ajudando a andar pela casa devagarinho, duas, três vezes por dia.



ENGENHEIRO – Aluguéis. Uma casinha de vila ali. Uma quitinete no centro, duas no bairro classe média. Um terreno aqui. Sítiozinho. Família urbana. Nascida e criada na capital. Sempre casa própria, carro: Simca Chambord, Gordini, Fusca, Belina, Brasília.



VIAJANTE – Eu nem merecia. Não merecia, eu sei.

ENGENHEIRO – Filha única, escola particular, universidade pública. Segundo lugar no primeiro vestibular. De cara. Sem cursinho. Medicina. Sempre. Sem hesitação. Mais que carreira, vocação, dedicação.



PROFESSOR – Na Áustria, duas singularidades geniais, muito amigos, quase opostos no estilo. Klimt, tão conhecido hoje.



VIAJANTE – No terceiro mês, vida normal, mas sem sair de casa. Nem pra missa. Ela do meu lado. A mãe, a irmã sustentando todos.

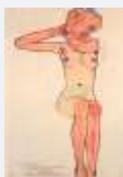
PROFESSOR – E Egon Schiele simples, desenho perfeito, colorista fora do padrão. A sexualidade, o erotismo encoberto, elaborado em Klimt, explícito, desafiador em Schiele. Até nos muitos auto retratos.



ENGENHEIRO – Mais voltada pro trabalho que pra casa. “Não sou dona de casa! Não sou dona de casa!” na crise pós-parto da menina.



PROFESSOR – A partir do expressionismo, do modernismo, a pintura é um trajeto da liberdade. De assunto, de expressão, identificáveis com nosso olhar contemporâneo, transformador.



VIAJANTE – O menino eu via pouco. Tinha começado a raspar o bigode com a minha gilete, além da escola estudava inglês e fez questão de arrumar um trabalho pra não dar despesa, dispensar a mesada. Só de vez em quando parava na porta do quarto, perguntava como eu estava e ia pras coisas dele.



PROFESSOR – Pode existir coisa mais arrogante, onipotente, pretensiosa, pedante do que querer contar a história da arte das cavernas até hoje? Como dizia um ator amigo meu antes de entrar em cena a cada dia: “Por que que eu fui inventar? Podia ser dentista, advogado, contador que nem minha mãe queria.”



ENGENHEIRO – De novo no pós-parto do menino. “Não sou dona de casa”. Em prantos. Coitada. Querida. Médico é ouvir reclamação o dia inteiro. Só reclamação. Ninguém volta pra dizer “melhorei, doutora, muito obrigado”. Eu entendo.

SALVADOR DALI
1904 - 1989





MONDRIAN
1872 - 1944



JACKSON POLLOCK
1912 - 1956



DUCHAMP
1887 - 1968



FRANCIS BACON
1909 - 1992



PROFESSOR – O mergulho surrealista. Outros sentidos. Sentido. A múltipla conotação dessa palavra. O que é *sentido* pelos sentidos. Físicos. O que é *sentido* pela emoção, o sentimento. O *sentido*, o significado. O sentido. Na história da arte a ênfase se alterna. Mas a arte tem sempre, sempre os três sentidos de sentido. Sempre.

VIAJANTE – Com dezoito anos, o menino ganhou um intercâmbio pros Estados Unidos, a família minha e da mulher se juntaram, pagaram a passagem, ele foi. Seis meses longe. Quando voltou, não quis mais morar na cidade pequena. Aí que o caminho dele e o meu não se cruzaram mais.

PROFESSOR – Que melhor exemplo de liberdade que o salto de Mondrian da paisagem, de uma árvore, para o beco sem saída da repetição de formas geométricas coloridas?

VIAJANTE – Nunca.

ENGENHEIRO – Não que ela não participe. Desde o casamento não teve divisão: conta conjunta, tarefas conjuntas: pagar as contas, orientar empregada, fazer compras. Nem eu nem ela “ajudava” o outro. Tudo junto. Ainda hoje.

PROFESSOR – De Jackson Pollock que descola definitivamente a pintura da realidade, outro beco sem saída estético. Infinitas variações fortuitas, sempre belas. Sempre o mesmo quadro e estranhamento múltiplo.

ENGENHEIRO – Um tanto desequilibrado agora. Momento talvez. Desgastante. Não é injustiça minha. Não é. Ela podia fazer um esforço. Colaborar mais. Não se botar no mesmo plano dos meninos...

PROFESSOR – Marcel Duchamp, cubista fracassado, no extremo oposto: a realidade em si como arte. Não é a obra que importa. É o olhar. A coisa deslocada do seu lugar. A semente da arte conceitual. O conceito tão importante quanto a obra.

ENGENHEIRO – ...larga coisas pela casa, perde a chave do carro, de casa, esquece carregador de celular, leva o meu pro hospital. Não é injusto eu me ofender. É desgastante porque... Mais que desgastante. É desaforo.

PROFESSOR – A complexidade do desmanche, da desconstrução das figuras do Bacon. Todas sempre perplexas. Disformes. São eu. Sou eu. Eu que não sei mais nem mesmo se ainda dá pra ensinar.

VIAJANTE – A vida em família tinha entrado num ramerrão mortiço, sem alegria. Eu ainda viajava, visitava os médicos da cidade, ganhava a vida modestamente. E errava demais: a bebida, o cigarro, a mulherada. No puteiro não ia mais,

com a pílula as coisas mudaram, a mulherada estava mais livre, principalmente as mais jovens.

ENGENHEIRO – Não é uma inconsciente. É mulher lúcida, madura. Trinta e dois anos juntos. Convivência desgasta, claro. Tem um cerne intocável. Tem. Momentos de estranhamento, rancores meus. Às vezes expresso, reclamo, protesto. E acaba em choque. Inevitável. Dias de poucas palavras. De parte a parte. Nessas horas... Não sei se ela pensa ir embora, separar.

PROFESSOR – Eu. Eu que de repente me deslumbro com o novo no olhar pop. A frase surpreendente de Antonin Artaud, o rebelde revolucionário: “Não dá para melhorar a tradição.”

VIAJANTE – Pra mim esse progresso não valia porque estava quase careca, meus irmãos me apelidaram de Velhão.

PROFESSOR – Lichtenstein, Andy Warhol retomam a natureza morta. Não com o preconceito de reproduzir a “nobreza” dos objetos de antigamente. A natureza morta do nosso tempo. O hot dog. O sanduíche, o prato descartável, a lata de sopa, a Coca Cola.

VIAJANTE – Mas ainda dava no couro. Pegava umas e outras. Tinha gente que dizia até que a vida inteira tive outra mulher, outra família.

ENGENHEIRO – Eu penso. Os filhos grandes, criados. Na hora de sair de casa. Quem sabe eles saindo, a relação estabiliza.

PROFESSOR – A pintura narrativa dos quadrinhos.

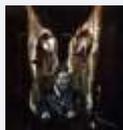
VIAJANTE – A sogra estava sempre arrumando umas empregadinhas pra ajudar. As meninas ficavam pouco, porque queriam outra coisa na vida. E às vezes porque eu dava em cima delas.

PROFESSOR – O retrato dos poderosos. Não mais encomendados pelos próprios. Por iniciativa do artista. Do olhar do artista sobre o mundo.

ENGENHEIRO – Ela não é instável. Não é. Não é mimada. Não tem vaidade. Primeira das amigas a parar de pintar o cabelo.

VIAJANTE – Umas gostavam, outras não.

PROFESSOR – Expressão tão forte de um momento transitório. Como todos os momentos da história. Não correram atrás do espírito do tempo. Retrataram o tempo. Quem procura o espírito do tempo na arte só produz coisa passageira pra se encaixar no momento. Inverte a origem da obra. Na arte, a obra existe antes



LICHTENSTEIN
1923 - 1997



ANDY WARHOL
1928 - 1987





do artista. Pra Mozart as sinfonias vinham feito um soco. Prontas. Michelangelo via a estátua inteira dentro do bloco de mármore, só ia tirando o excesso.

ENGENHEIRO – Admiro. Genuína. Corajosa. Sexo menos frequente... Bem menos. Mas satisfatório ainda.



PROFESSOR – E o mergulho total na arte conceitual. A obra que depende do título para ser fruída. Que pode ser muito tola. Ou muito bela. *De Kooning apagado*. O artista compra uma obra a lápis original de outro artista. E apaga. Dá pra entender? É uma pena destruir uma obra já existente, mas o sentido está justamente na destruição.



VIAJANTE – Numa dessas, minha mulher entrou na cozinha e me pegou abraçando a menina por trás, segurando o peito dela. De roupa, os dois. Não falou nada. Saiu da cozinha. A mocinha chorando fugiu correndo pra rua. Não voltou mais.



PROFESSOR – *Uma e três cadeiras*. A obra que me fez entender o conceitual. O conceito de cadeira mora na nossa cabeça. Por mais diferente que seja a cadeira, falou cadeira eu entendo o que é. Uma cadeira real, uma na foto, uma no dicionário. É uma e é três.

ENGENHEIRO – “Sexo é tradição. Tem de desenvolver junto” me aconselhou uma amiga mais velha. Anos atrás. Muitos anos. Casar tarde foi vantagem. Foi. Experiência acumulada minora choques.

VIAJANTE – Fiquei parado do lado da pia, apaguei a panela que estava chiando no fogão. Minha esposa voltou, bem arrumada, penteada, falou: “venha comigo”. Perdido, eu fui atrás. Feito um cachorro manso. No meio do caminho, vi que ela estava indo pra casa da minha família. Parei. Ela parou, olhou pra trás. E foi em frente. Entendi que comigo ou sem migo ela ia. Que era melhor eu estar lá pra me defender. Mas não tinha defesa. Ela entrou, minhas irmãs e minha mãe vieram cumprimentar, fizeram festa. Ela mal respondeu. Na frente de todo mundo falou: “eu vim devolver seu filho”. Virou as costas e foi embora.

MINIMALISMO



PROFESSOR – Não é o artista que manda. É a obra que exige. O gênio obedece, sabe avançar no mistério sem saber pra onde, atraído pela beleza que ainda não existe. A obra de arte resultado do que o artista absorve, processa, põe pra fora.





INSTALAÇÃO



PERFORMANCE



Marina Abramovitch



ENGENHEIRO – Meu sogro, me lembro: “Ah, se eu tivesse 30 anos menos”. Falei: “é, com a sua experiência”. Ele: “não! sem experiência, fazer todas as bobagens de novo!”

PROFESSOR – O tempo em que a obra não se limitava ao sensorial, ao minimalismo, construções em busca de sentido. O vazio que pede o seu olhar para existir.

ENGENHEIRO – As tarefas invisíveis: encher o saleiro, o açucareiro, apertar os parafusos das tampas e dos cabos das panelas, regar as plantas, trocar lâmpada, distribuir os rolos de papel higiênico, fechar a janela quando chove...

PROFESSOR – Ou os enigmas, às vezes insondáveis da instalação, muito belos, mas...

VIAJANTE – Minha mãe se botou de joelhos na capela, rezando de braços em cruz, jejum absoluto, pedindo a graça de eu parar de beber. Não podia deixar minha mãe morrer. Parei. Não foi graça de Deus. Foi chantagem dela mesmo.

ENGENHEIRO – Eu fui mimado. Não ela. Não me lembro de arrumar a cama, lavar a louça, a roupa, fazer comida. Família convencional, tarefas de homem, tarefas de mulher. Minha mãe cozinhava. Minha avó veio morar conosco não tinha mais Rosália. Uma série de mocinhas que ela contratava na feira, no mercado, na rua. Que ficavam pouco. Podiam servir de modelo para *Os operários* da Tarsila.

VIAJANTE – Apareceu uma tartaruga debaixo da minha cama, um monte de lagartixa, a tartaruga mastigava devagar, saía uma gosma, o quarto foi enchendo de água, eu pensei “ainda bem que sei nadar”, mas era peixe demais, que voava e picava feito mosquito, queimava, eu sangrando inteiro. Era delirium tremens.

ENGENHEIRO – Um sistema. Capenga.

PROFESSOR – Eu sou do tempo em que a arte era produto do artista não o próprio artista como na performance de hoje, prima irmã da instalação. O ato é a obra. A obra máxima de Marina Abramovitch: *O artista está presente*. Não há obra. Só há o artista. Você entra da fila e encara o artista que te encara.

O Engenheiro liga o liquidificador na tomada, gira o botão, a máquina funciona com grande ruído.

Em uma rapidíssima sequência, a projeção vai do fim para o começo, até a primeira imagem da arte rupestre e desemboca no grafite urbano contemporâneo.

O Professor desliga o liquidificador, tira o fio da tomada, enrola caprichosamente.

E sai lentamente com ele.

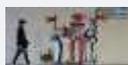
Sobre a sequência de grafites, o Professor fala.



KEITH HARING



BASQUIAT



BANKSY



EDUARDO KOBRA



PROFESSOR – Quando eu era criança, a gente jogava sério: se encarava minutos até ver quem ria primeiro. Sou do tempo em que não havia separação entre sexo e gênero. Quando num vislumbre de tolerância, a homossexualidade era chamada de terceiro sexo, em que Simone de Beauvoir, não sem ironia, chamou as mulheres de segundo sexo. Um tempo em que não tínhamos consciência do nosso racismo estrutural. É claro que esta cronologia é incompleta. Eu não pretendo que seja completa, abrangente. Tem poucas mulheres, não tem nada da influência negra, do candomblé, da umbanda, nada da arte plumária, dos padrões da pintura corporal indígena, nada do oriente. Exprime as influências da minha geração. De gerações que vieram antes de vocês. Predominantemente europeia, claro. Mas justamente por isso não pode ser ignorada. Me proponho aqui mostrar o passado. O futuro é de vocês. O presente é de vocês. A perplexidade do presente. Nunca antes a arte esteve nas ruas como hoje. Não como monumentos. Como grafite. O genial e misterioso Banksy, Basquiat, Keith Haring, o gigante brasileiro Kobra. A cidade a galeria. O museu. O suporte. O olho contemporâneo entranhado nas paredes. Visível. Visível.

Ele fecha o caderno em que anotava. Fecha o livro que usava como base. Deixa na mesa.

Põe-se de pé.

Sai.

O Viajante, completamente vestido, fica sentado imóvel.

A projeção continua. Uma sequência de grafites.

Aos poucos, os grafites vão sendo cobertos de pixação. Fachadas cobertas de pixações.

Prédios, viadutos pixados, a cidade pixada.

Sobre as imagens, vozes gravadas off.

PROFESSOR – Que bonito seria se em vez da pixação, a cidade, igual às cavernas, tivesse pinturas assim. Como esse belo cavalo.

ALUNA – Eu não acho. Eu gosto da pixação.

PROFESSOR – Você acha bonito?

ALUNA – Acho.

PROFESSOR – Bonito não é. A cidade fica parecendo uma praça de guerra, não acha?



ALUNA – Não. É o povo da periferia ocupando o espaço que não deixam pra eles. Pra nós.



PROFESSOR – Mas podia ocupar com beleza. Com grafite.

ALUNA – É a mesma coisa.



PROFESSOR – Não. Grafite e pixação não são a mesma coisa. O Banksy, o Kobra não têm nada a ver com pixação.

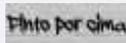


ALUNA – Não sei quem são esses aí.

PROFESSOR – Você quer discutir a ocupação da cidade e não sabe quem é Banksy?



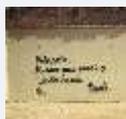
ALUNA – O senhor sabe quem pixa da zona norte? Da zona sul? Do Campo Limpo?



PROFESSOR – Você sabe?



ALUNA – Sei. Quase sempre.



O Professor volta para cena quase imperceptivelmente, se põe a arrumar os livros .

A gravação off continua.



PROFESSOR – Vamos lá. Eu aceito a pixação se tiver poesia. Mas essas letras ilegíveis, no alto dos prédios, nos viadutos...



ALUNA – O pixador faz o que a gente não consegue.



PROFESSOR – Mas isso não transforma a pixação em arte. O cara que corre 100 metros em 10 segundos também faz uma coisa que você não consegue. Mas é esporte. Não é arte.



ALUNA – E quem que diz o que é arte, o que não é? O senhor que falou de arte. Eu tô falando do pixo.



O Viajante lentamente dobra o lençol e põe na cadeira. Tira do bolso do paletó um relógio de pulso, tira do pescoço uma corrente fina com medalha, tira do dedo a aliança, coloca peça por peça em cima do lençol dobrado.



Senta-se no centro da bancada.

A gravação off continua.



PROFESSOR – Grafite e pixação são manifestações sócio políticas. Grafite é arte porque propõe uma reflexão. Um olhar crítico. A pixação não.



ALUNA – Só se for pro senhor. Pra mim propõe muita coisa.

PROFESSOR – O quê?



ALUNA – A marca do povo da minha zona na cidade inteira. É nós.

PROFESSOR – Mas é bonito?



ALUNA – Não tem que ser bonito. Eu tenho mais a ver com o pixo que com esse monte de quadro que o senhor tá obrigando a gente olhar.



PROFESSOR – Obrigando? Você não sente prazer de olhar esses quadros?

ALUNA – Não. Quer dizer, é legal, mas não serve pra nada.



PROFESSOR – E a pixação serve?

ALUNA – Pro senhor pode ser que não. Pra mim serve.



PROFESSOR – Então esta aula é inútil pra você.

ALUNA – É.

PROFESSOR – Se é assim, pode se retirar.



ALUNA – Não.

PROFESSOR – Como não? Estou mandando você sair da classe.



ALUNA – Não saio. O senhor não pode me botar pra fora da sala.



PROFESSOR – Posso. Saia, por favor.



ALUNA – Não saio.

Ruído de carteiras arrastadas, vozes indefinidas, passos.



O Engenheiro volta imperceptivelmente para cena com um pano na mão.



Esfrega a bancada com cuidado, dobra o pano, pendura atrás da bancada, invisível.

A gravação continua.



PROFESSOR – O que é isso? Vocês também vão sair por causa dela?



RAPAZ 1 - Claro.

RAPAZ 2 - O senhor não pode fazer isso. Ela pagou a mensalidade.



ALUNA 2 - Ela que paga o seu salário.



PROFESSOR – Não. Quem paga meu salário é a instituição. Vocês estão enganados. É um absurdo, ela na classe, nós aqui no corredor. É a inversão total.



RAPAZ 3- O senhor que quis assim.

PROFESSOR – Eu?



Cessa a gravação. Cessa a projeção. O ruído do relógio fica ligeiramente mais audível.

PROFESSOR – Foi assim. Primeiro dia da Linha do Tempo. Da Cronologia do Olhar...

VIAJANTE – Depois, prolapso intestinal.

ENGENHEIRO – Hoje de manhã a cozinha imaculadamente limpa.

VIAJANTE – E cirrose hepática. Hospital.

ENGENHEIRO – Os varais vazios, a roupa dobrada em cima da mesa, tudo arrumado, nenhum sapato, nenhuma bolsa, nenhum livro pela casa, cada almofada em seu lugar.

VIAJANTE – No dia da alta, sentei na cama pra comer, o enfarte. Dessa vez, fatal.

PROFESSOR – Um choque. Tudo o que eu estudei a vida inteira não interessa mais?

VIAJANTE – Meu filho não tinha telefone. Foi difícil de achar no Rio de Janeiro, avisaram.

PROFESSOR – Desisti. Ontem. Não queria mais dar aula. É a minha vida. É o que sei fazer, o que eu faço melhor.

VIAJANTE – A viagem demorava. Seguraram o enterro o quanto deu. E ele veio.

ENGENHEIRO – Por milagre, hoje ninguém atrasado e o café da manhã ia ser todo mundo junto. Será que é domingo?

VIAJANTE – Ele veio.

ENGENHEIRO – Não falaram comigo. Minha filha, ao meu lado, de repente perguntou pra mãe: “papai ainda não acordou?!”

PROFESSOR – Quem sabe se eles fizeram um seminário: “Grafite e pichação na cidade”. eu aprenda. Talvez eu tenha de ver o Pollock nos muros que eles pintam. Talvez ainda dê tempo.

ENGENHEIRO – Saíram todos correndo, ver o que tinha acontecido comigo.

O Professor tem uma súbita contração, solta um pequeno gemido baixo.

Segura o antebraço esquerdo.

PROFESSOR – O que é isto?

Abre os braços na altura da cintura. Olha as mãos. Perplexo.

VIAJANTE – O caixão baixado. Perguntaram: “quer que abra pra despedir do seu pai?”

ENGENHEIRO – Eu ali na cozinha não estava mais na cozinha.

VIAJANTE – Ele falou que não queria ver o pai no fundo da cova.

PROFESSOR – Este coice no peito. A mão amortecida. Náusea. Suor frio. O dedo da morte riscando meu coração.

Muito lentamente, o Viajante deita, pernas esticadas, cruza as mãos no peito.

VIAJANTE – Me lembro dele debruçado na beira do túmulo, olhando o caixão.

PROFESSOR – Eu sei. Eu vi no enfarte do meu pai. Eu... Tô tendo um enfarte.

ENGENHEIRO – Entendi. Cumpri minha missão. Acabou. Terminei.

VIAJANTE – É a última lembrança que tenho do mundo.

ENGENHEIRO – Apesar de tudo, foi bom. Muito bom. Mas... outro stent não.

VIAJANTE – Se existisse stent quem sabe eu não morria e ainda dava tempo de ser pai pro meu filho.

O Professor respira fundo, exala com ruído

PROFESSOR – Ele morreu. Mas eu... quem sabe... hoje existe o stent.

Black out súbito.

Música forte: a Valsa nº 2 de Shostakovitch.

Fim.